

Gigantes de bens de consumo, como a americana P&G, vão lucrar menos devido à guerra



Governo chinês barra avanço da Meta, de Zuckerberg, em IA agêntica



Lepas 6 é uma das novidades do Salão de Pequim e deve chegar ao Brasil

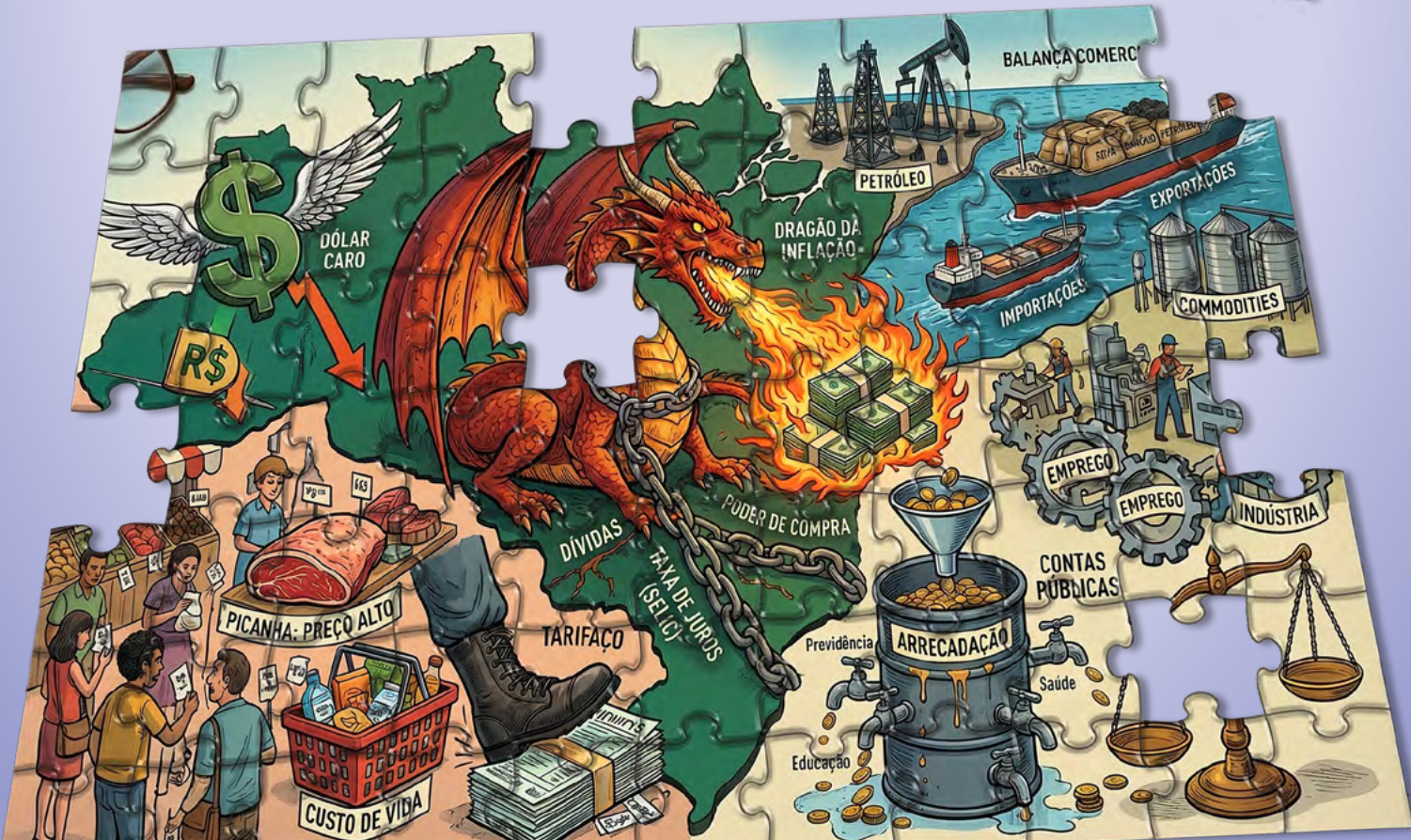


# ISTO É Dinheiro

Edição 30 - 1º/5/26

## O QUEBRA-CABEÇAS DA ECONOMIA

Lula corre contra o tempo para recuperar a popularidade com uma ofensiva que une o alívio aos endividados, novas frentes na habitação e o cerco às bets e multas





# Distância em um clique

Carlos Ambrósio, sócio da Avenue, conta como a companhia superou barreiras regulatórias e tecnológicas para popularizar o investimento internacional e revela os próximos passos

*“Vamos evoluir para novos segmentos que integrarão nossa vertical de banking. As prioridades são o lançamento de seguros e de cartão de crédito”*



LEONARDO MONTEIRO

O mercado financeiro no Brasil testemunhou na última década o encurtamento de distância entre a Faria Lima e Wall Street, o coração financeiro dos Estados Unidos. O movimento, que democratizou o acesso de investidores locais a ativos globais e serviços em dólar, tem a Avenue como uma de suas protagonistas. Fundada em 2018 e com sede no mercado norte-americano, a companhia alcançou a marca de um milhão de clientes em 2025, consolidando uma trajetória que atraiu bancões como o Itaú, que adquiriu uma fatia societária na corretora em 2022.

À frente da operação está Carlos Ambrósio, executivo com mais de 30 anos de experiência e passagens por instituições como Claritas e Banco Matrix, além de ter presidido a Anbima, associação brasileira que representa o mercado de capitais local. Em conversa com a IstoÉ Dinheiro, Ambrósio, que é sócio da Avenue, detalha como a companhia superou barreiras regulatórias e tecnológicas para popularizar o investimento internacional e revela os próximos passos da empresa, que incluem a expansão para seguros e cartões de crédito. Confira:

**Eduardo Vargas**

**Quando a Avenue nasceu, investir no exterior era um serviço restrito a um público muito pequeno e privilegiado. Como foi mudar esse paradigma?**

Falar de investimento no exterior realmente era um assunto muito restrito e pouco popular. Nossa tese começou com a viabilização da estrutura. O primeiro desafio foi identificar processos e tecnologia para colocar em pé uma plataforma que desse um acesso rápido e fluido, permitindo abrir uma conta e adquirir ativos facilmente. Tivemos barreiras tecnológicas e, principalmen-



te, regulatórias. No início, interagíamos diretamente com a CVM [Comissão de Valores Mobiliários] como um agente isolado. Hoje, o tema evoluiu tanto que é discutido dentro de associações setoriais, como a Anbima, com os principais participantes do mercado na mesa. Após resolver a tecnologia e o regulatório, partimos para a educação do investidor sobre a importância da diversificação internacional.

**O volume de produtos da companhia ampliou-se significativamente nesses oito anos. O que a plataforma tem hoje em prateleira?**

Começamos com ações listadas e ETFs [fundos negociados em bolsa de valores], mas expandimos para renda fixa, incluindo bonds [títulos de dívida] da América do Sul e do mercado americano, além de Treasuries [títulos públicos dos Estados Unidos]. Hoje temos mais de 8 mil ativos listados, mais de 600 fundos e uma oferta robusta de renda fixa com tickets acessíveis. Também

oferecemos o CD americano, que é equivalente ao CDB brasileiro. Além disso, evoluímos para o serviço de banking, que não é apenas um cartão, mas bancarização americana completa, com conta corrente, débito programado e transferências via wire [equivalente ao TED]. Recentemente, incluímos stablecoins e fundos em Luxemburgo.

**Quais são as novidades para o futuro próximo?**

Vamos evoluir para novos segmentos que integrarão nossa vertical de banking. As prioridades são o lançamento de seguros e de cartão de crédito. Ambos estão em fase final de desenvolvimento e devem chegar ao mercado em breve, no prazo de um ano ou pouco mais. Além disso, continuaremos aprofundando nossa infraestrutura. No Brasil, já evoluímos de uma DTVM para um banco de investimento. Nos Estados Unidos, somos um broker-dealer [corretora e agente de investimentos] e, muito provavelmente, aprofundaremos nossa infraestrutura própria lá fora em um futuro próximo.

**Como a diversificação impactou a dinâmica de receita?**

A dinâmica mudou drasticamente. Logo que começamos, tínhamos uma dependência muito grande da receita vinda da remessa de recursos — o câmbio — que representava entre 80% e 90% do faturamento. Hoje, essa linha representa cerca de 30%. Estamos muito mais diversificados e a tendência é pulverizar ainda mais com a entrada de seguros e crédito. Nosso objetivo é criar um volume de negócios que não dependa exclusivamente do fluxo cross-border [transfronteiriço].

**A complexidade tributária era um obstáculo que afastava o investidor. Como essa questão evoluiu e o que ainda pode melhorar na regulação brasileira?**

Facilitar a parte fiscal foi uma preocupação desde o nascimento da Avenue. Entregamos suporte praticamente pronto para a declaração, acompanhando a evolução da própria regulação, que passou do carnê-Leão para o ajuste anual.

O ecossistema — contadores e advogados — também se familiarizou com o tema. Sobre o que pode melhorar, acredito que o Brasil ainda precisa evoluir para seguir padrões internacionais em relação às estruturas de empresas offshore. Atualmente, em companhias chamadas opacas, tributam-se ganhos não realizados por marcação a mercado, o que não faz muito sentido. O investidor acaba tendo que pagar imposto sobre um ativo que não vendeu. Isso gera uma complexidade desnecessária.

### ***O perfil do investidor que busca o exterior mudou? Existe barreira geracional?***

No início, o público jovem aderiu primeiro pela familiaridade com a tecnologia. No entanto, o tema rapidamente penetrou em faixas etárias mais elevadas devido ao entendimento de que a alocação internacional é estrutural. Para o futuro, acreditamos que o movimento vai se exponencializar. A língua inglesa quase não é mais uma barreira, e as novas gerações já pensam de forma global naturalmente. Hoje, com um clique dentro de um aplicativo, qualquer pessoa abre uma conta internacional. Se você tem acesso a uma conta local, tem acesso ao mundo.

### ***O brasileiro entendeu a dinâmica da alocação internacional, que não tem de ser algo de oportunidade, mas estrutural?***

É um processo contínuo, mas houve evolução. Antes, o público buscava fundos cambiais em reais, onde a volatilidade do real contaminava o ativo dólar. Quando o investidor faz o investimento direto, ele passa a gerir duas carteiras independentes em suas respectivas moedas. Ele torna-se mais resiliente e para de tomar decisões baseadas na emoção de se o dólar está caro ou barato no curto prazo. Ele entende que precisa de uma poupança global.

### ***Em um cenário geopolítico caótico, com questionamentos sobre o protagonismo do dólar, como vocês mantêm a confiança do investidor?***

Demandamos uma presença maior para tranquilizar o cliente, mas a tese é clara: os Estados Unidos são o hub supremo de investimentos. Por lá, você acessa



LEONARDO MONTEIRO

qualquer lugar do mundo e teses imbatíveis, como inteligência artificial e biotecnologia. É difícil contestar o mercado americano como ponto central da estratégia estrutural de qualquer investidor. Não vemos outra opção viável de moeda forte que possa substituir o dólar à vista.

### ***Falando em trajetória, você foi o primeiro presidente da Anbima proveniente de uma gestora independente e não de um grande banco. Isso marcou uma mudança no mercado?***

Acredito que foi uma quebra de paradigma construída. Embora eu não representasse um banco de varejo, eu já atuava há muito tempo na associação e era conhecido por todas as instituições. Foi um reconhecimento da importância crescente das gestoras independentes, que hoje são a maioria em número de

associados na Anbima. O mercado tornou-se muito mais democrático e aberto.

### ***Qual foi o momento mais desafiador para você na companhia e como você vê a Avenue daqui a cinco anos?***

O pior dia talvez tenha sido logo no início, antes mesmo de irmos a mercado. Recebemos uma stop order [medida cautelar que interrompe atividades consideradas irregulares no mercado financeiro] da CVM por uma questão de comunicação sobre o que estávamos desenvolvendo. Tivemos que sentar com o regulador, explicar o modelo e reverter a situação. No final, foi um aprendizado sobre a importância do diálogo institucional. Em alguns anos vejo a Avenue totalmente integrada à vida do brasileiro, sendo uma extensão natural da sua vida bancária no país. **D**

# A engenharia da reeleição

Pacote de alívio para endividados é tratado como peça-chave na área econômica para o resgate da imagem do governo Lula meio à alta desaprovação popular

**A**pouco mais de 150 dias para o próximo pleito, o Palácio do Planalto vive um momento de intensa movimentação. Atento ao termômetro da opinião pública, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva acelerou a montagem de um complexo quebra-cabeças visando a reeleição em 2026. Mais do que peça de uma estratégia eleitoral momentânea, a economia (e, mais especificamente, a redução do endividamento das famílias) é um dos pilares de sustentação de seu projeto de governo para os próximos anos. Com uma desaprovação batendo na casa dos 52%, segundo levantamentos da Genial/Quaest de abril, e o mau humor persistente na classe média, o governo petista entende que a chave para a sobrevivência política é aliviar o peso nas contas do brasileiro.

Desse modo, o governo federal decidiu usar todas as ferramentas disponíveis no orçamento (e na regulação) para tentar reverter o desgosto do eleitorado. Aguardada com ansiedade está em fase final de gestação uma nova etapa do Desenrola, cuja primeira versão foi

lançada ao final de 2023, o primeiro ano de governo Lula. Mais: fazem parte do pacote o controle sobre a epidemia de apostas, sobre os juros cobrados em crédito consignado privado, a expansão do crédito habitacional, ações para o impacto dos combustíveis, a escala trabalhista 6x1, além de incentivos bilionários às exportações. O objetivo é propor ações na tentativa de costurar uma rede de proteção que reconecte o Lula candidato com o eleitorado.

O governo aposta que, se conseguir resolver os problemas financeiros imediatos e mais dolorosos das famílias, terá as peças necessárias para alcançar uma espécie de resgate político. Resta saber se o tempo e as variáveis externas permitirão que todas as peças se encaixem até o dia da votação. O centro nevrálgico da estratégia é o plano de saneamento financeiro das famílias, até agora batizado como Desenrola 2.0. As negociações entre o governo federal e bancos marcaram o mês de abril, e havia expectativa de divulgação nesta sexta-feira, 1º de maio. Mas os detalhes

*Lula estrutura  
ofensiva de ações  
com foco em  
dívida, habitação,  
bets e até multas*



serão anunciados na segunda-feira, 4, quando o programa for lançado oficialmente. Lula fez um pronunciamento em rádio e televisão na noite desta quinta, 30, e citou poucas diretrizes sobre o que chamou de 'Novo Desenrola Brasil'. Ele foi enfático ao citar as bets (pessoas que renegociarem dívidas no âmbito do novo programa ficarão bloqueadas em plataformas de apostas online por um ano) e fez forte defesa da alteração da escala trabalhista, além de citar outras medidas tomadas, como a redução de impostos sobre combustíveis para conter o impacto da guerra, a valorização do salário-mínimo e a antecipação do décimo terceiro dos aposentados.

O endividamento tornou-se o vilão da popularidade governamental. O volume de dívida das famílias brasileiras com o Sistema Financeiro Nacional alcançou 49,9% – um pico na série histórica registrada pelo Banco Central, e que se iguala à cifra cravada em julho de 2022, no governo de Jair Bolsonaro. O comprometimento mensal da renda com o pagamento de dívidas é de quase 30%. Mesmo ainda não divulgado oficialmente, ao longo da semana os ministros da Fazenda, Dario Durigan, e Luiz Marinho (Trabalho e Emprego) falaram sobre diretrizes do programa finalizado nesta semana. Nos últimos dias, Durigan esteve em reuniões com os CEOs dos maiores bancos do país – incluindo gigantes como Itaú, Bradesco e Santander – e finalizou os detalhes do Desenrola 2.0.

A meta do programa, conforme informaram ministros de Lula, é ambiciosa: atingir dezenas de milhões de pessoas que ganham até cinco salários mínimos (o equivalente a R\$ 8.105) e hoje estão asfixiadas por juros de cartão de crédito, cheque especial e crédito pessoal sem garantia. O programa deve contemplar dívidas com mais de três meses de atraso e busca uma renegociação ampla, onde os descontos podem ser de mínimo 30% a até 90% do valor total devido. A lógica é trocar uma dívida impagável, com juros que variam de 6% a 10% ao mês, por uma linha de crédito com taxa máxima de 1,99%. Para garantir que as instituições financeiras aceitem o risco, o governo fará um aporte no Fundo Garantidor de Operações, estimado em R\$ 8 bilhões. Uma das pe-



ças fundamentais do arranjo é a utilização do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS). O governo confirmou que o FGTS poderá ser usado como uma alavanca para a quitação total de débitos. O que se sabe até agora é que o trabalhador poderá sacar até 20% do seu saldo disponível, desde que o montante seja suficiente para eliminar a dívida por completo, evitando que o cidadão continue com pendências após o uso do fundo. A estimativa é a de que um intervalo entre R\$ 4,5 a R\$ 8 bilhões possam ser liberados para o público elegível. Marinho calcula que R\$ 4,5 bilhões serão efetivamente utilizados.

O quebra-cabeça econômico, contudo, não se limita a apagar incêndios do passado. A ideia é evitar que novos focos de endividamento surjam e comprometam o futuro das famílias. Nesse contexto, o governo endureceu o jogo contra as apostas e os chamados mercados preditivos. Além da medida de bloqueio em bets para os que renegociarem dívidas no novo Desenrola, citada por Lula no pronunciamento feito ontem, recentemente, em uma ação conjunta entre a Fazenda e a Casa Civil, foram proibidas as plataformas que permitiam palpites financeiros sobre eventos reais, como decisões políticas e esportivas, dos chamados mercados preditivos. O bloqueio de 27 dessas plataformas via Anatel elimina 'bancas de apostas não autorizadas' e que operam sob o verniz de investimentos modernos. Durigan, da Fazenda, disse que instituições financeiri-

ras apoiam as restrições, pois percebem que o endividamento gerado por jogos online está se tornando um problema sistêmico. A adesão às plataformas de apostas online e às bets pelos brasileiros cresce a cada ano, e o Brasil já é o quinto maior mercado setorial do mundo. (veja matéria em Finanças Pessoais).

### Foco na classe média

Aproximar-se da classe média é foco inegável entre as ações do Planalto. Além do socorro aos endividados, Lula lançou mão de medidas que tocam diretamente o dia a dia desse perfil do eleitorado. Uma delas é a suspensão recém-anunciada de 3,4 milhões de multas em rodovias que operam com o sistema de pedágio eletrônico free flow. A decisão foi tomada sob o argumento de que a inovação tecnológica não deve punir o cidadão por falta de informação. O governo reconheceu falhas de comunicação entre o sistema federal e as concessionárias, e deu prazo de 200 dias para os motoristas regularizarem a situação.

Na área de habitação, a ampliação do programa Minha Casa Minha Vida surge como outra peça estratégica. Ao permitir a adesão de famílias com renda de até R\$ 13 mil e o financiamento de imóveis de até R\$ 600 mil, o governo estende o tapete para uma camada da população que antes se sentia excluída das políticas públicas nesse terreno. Ademais, a expansão acaba estimulando (e agrada) a indústria da construção civil, e gera empregos.



*Lula amplia Minha Casa Minha Vida para famílias com renda até R\$ 13 mil*

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

No combo econômico, Lula não poderia ignorar os efeitos da guerra de Donald Trump contra o Irã sobre os combustíveis. Diante das incertezas geradas pelo conflito, o governo interveio por meio de subsídios e uma fiscalização rigorosa contra preços abusivos em um esforço coordenado para baratear o diesel e a gasolina nas bombas. O objetivo é conter a inflação percebida no cotidiano.

O pacote de bondades não estaria completo sem aceno ao setor produtivo. No que diz respeito ao endividamento, uma resolução voltada a empresas de menor porte está em debate. Lula assinou medida provisória nesta semana liberando crédito de R\$ 5 bilhões para exportadores brasileiros por meio do Fundo de Garantia à Exportação (FGE) e do programa Brasil Soberano. A ideia é reforçar a capacidade de bancos financiarem as vendas externas e garantir competitividade em um cenário externo difícil. **D**

## Desenrola 2.0: paliativo?

Tatiana Schnoor

**P**onto importante na visão de economistas consultados pela IstoÉ Dinheiro é se a segunda versão do programa para endividados terá o impacto necessário para mudar o cenário de forma estrutural, ou se será algo pontual como foi considerada a primeira versão do Desenrola 1.0, lançado no final de 2023. Um estudo da consultoria econômica MB Associados aplicou quatro modelos econométricos distintos para tentar entender se a primeira versão do Desenrola funcionou quando lançado.

O levantamento sugere que o programa teve efeito pontual de carteira, sem alterar os determinantes estruturais de endividamento — como nível de juros, comprometimento da renda e acesso ao crédito rotativo de alto custo. A avaliação é que o Desenrola 1.0 produziu uma redução estatisticamente significativa e economicamente relevante na inadimplência das famílias de baixa renda. Só que o efeito foi temporário e se dissipou

em 18 meses após o lançamento. Ou seja, a inadimplência voltou e inclusive superou os níveis pré-programa. Não à toa a deterioração observada em 2025 e no início de 2026 reforça essa interpretação, destaca o estudo.

Os dados do Banco Central atestam o cenário de deterioração: a evolução da inadimplência por faixa de renda em uma série longa (entre janeiro de 2022 e fevereiro de 2026) mostra que houve piora na faixa de renda de até dois salários mínimos em praticamente todos os tipos de crédito, de acordo com o estudo assinado pela equipe do MB Associados, do economista José Roberto Mendonça de Barros, ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda entre 1995 e 1998. O total de inadimplentes chega a 81,7 milhões de brasileiros em 2026, um salto de 38% em relação a 2016, indica a Serasa. Houve alta mesmo em períodos de queda da taxa básica de juros. A inadimplência da pessoa física deteriorou

em quase todas as linhas de crédito, mas o estudo do MB destaca o setor de veículos. Carros e motocicletas estão entre os bens que apresentaram expansão no consumo entre 2024 e 2025, como mostra a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua/IBGE). O percentual de domicílios que passaram a ter um carro subiu de 48,8% para 49,1%, entre 2024 e 2025.

Já o consumo de motos foi de 25,7% para 26,2% no mesmo período. Para a equipe de economistas, os números mostram que o governo está sob pressão para apresentar uma saída, especialmente em ano de eleições. Caso a segunda versão siga os moldes da primeira, servirá como paliativo para solução do problema, trazendo um custo elevado para o Tesouro e para os instrumentos parafiscais, como o FGTS, sem solucionar o problema de uma vez. A solução efetiva passa necessariamente por um ajuste fiscal mais definitivo que leve à redução dos juros.

*Cautela no Copom,  
do Banco Central: juro  
cai para 14,5% ao ano*



RAPHAEL RIBEIRO/BCB

# Sinal amarelo

Com inflação longe da meta e um racha histórico no Federal Reserve, o Comitê de Política Monetária brasileiro reduz os juros em tom de alerta

**M**esmo em um contexto inflacionário delicado devido ao cenário global instável, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) reduziu por unanimidade a taxa de juros básica (Selic) em 0,25 ponto percentual nesta semana, levando-a para 14,5% ao ano. O movimento marca o segundo corte consecutivo no atual ciclo de afrouxamento monetário, dando continuidade à estratégia iniciada na última reunião, em março, quando a taxa deixou o patamar de 15% ao ano — nível em que estava desde junho de 2025.

Apesar do recuo nominal, o Brasil ainda ocupa a segunda posição no

ranking mundial de juros reais (a taxa que sobra após descontada a inflação). O país está em 9,33% ao ano e só perde para a Rússia, que lidera o índice com 9,67%. O cálculo é da consultoria MoneyYou, que monitora os 40 países mais relevantes do mercado de renda fixa mundial nos últimos 25 anos. Na terceira colocação aparece o México, com um juro real de 5,09% ao ano.

No comunicado que acompanhou a decisão, o Copom justificou ser necessária dose de cautela ao diagnosticar que o cenário atual é caracterizado por um “forte aumento da incerteza”. Por essa razão, os membros reafirmaram a ne-

cessidade de manter a serenidade na condução da política econômica, de modo que os próximos passos do processo de calibração dos juros possam incorporar informações mais claras. O grande ponto de interrogação reside nos conflitos no Oriente Médio. O Banco Central monitora de forma prospectiva a profundidade e a extensão desses embates, temendo seus efeitos diretos e indiretos sobre as cadeias de suprimentos globais e, conseqüentemente, sobre o preço das commodities, que afetam o custo de vida no Brasil.

Internamente, os sinais também exigem atenção. O Copom destacou que



*Powell, presidente do Fed, deixa o cargo em maio, mas diz que seguirá na diretoria*

KEVIN LAMARQUE/REUTERS

tanto a inflação cheia quanto as medidas adjacentes estão se “distanciando da meta” oficial. O mercado de trabalho brasileiro ainda apresenta sinais de resiliência, o que, somado à moderação da atividade econômica já prevista, cria um ambiente complexo para o BC. Atualmente, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumula uma alta de 4,14% em doze meses. Embora esteja dentro do intervalo de tolerância (que vai de 1,5% a 4,5%), o número está acima da meta central de 3%.

Como a Selic é o principal instrumento para controlar esse ponteiro, influenciando desde empréstimos e financiamentos até aplicações financeiras, a indefinição sobre o cenário de junho permanece no radar dos investidores. Economistas de casas de análise destacaram o pragmatismo do BC. Embora queira baixar os juros, a autoridade monetária precisou ser comedida diante da instabilidade externa e inflação persistente. Economistas da XP Investimentos destacaram que o BC abandonou qualquer promessa sobre os próximos passos. Ao não garantir um novo corte para junho e mencionar a “incerteza elevada”, o Copom entrou em um modo de “vão por instrumentos”.

Para a XP, a porta para novos cortes está aberta, mas o ritmo dependerá inteiramente do preço do petróleo e do comportamento do dólar frente aos conflitos no Oriente Médio. Já analistas do BTG Pactual focaram na parte do comunicado que menciona o distanciamento da inflação em relação à meta (4,14% diante da meta de 3%). O Comitê enviou um recado duro: não haverá cortes maiores (como de 0,50 ponto) enquanto as expectativas de inflação para 2027 e 2028 não voltarem a cair, avalia o banco.

A equipe de análise econômica do Santander observou que a divisão histórica desta quarta, 29, do Federal Reserve, o banco central dos Estados Unidos (confira abaixo), influenciou a cautela brasileira. Se os Estados Unidos estão divididos sobre quando cortar juros, na visão dos economistas, o Brasil não poderia se dar ao luxo de acelerar o passo, sob risco de causar fuga de capitais e pressionar ainda mais o câmbio. O banco espanhol projeta que a Selic pode estacionar em patamares elevados por mais tempo do que o previsto no início do ano.

### Racha no Fed

Enquanto o Brasil reduzia suas taxas, os olhos do mundo também se vol-

tavam para Washington. O Federal Reserve (Fed), o banco central dos Estados Unidos, também comunicou sua decisão nesta quarta-feira, 29, e manteve a taxa atual no intervalo de 3,50% a 3,75%. No entanto, o que parecia ser uma manutenção protocolar revelou uma fratura exposta na autoridade monetária norte-americana. A votação terminou em 8 a 4, sendo a decisão mais dividida dentro do comitê do Fed desde outubro de 1992. Oito membros, incluindo o atual presidente Jerome Powell e seu vice, votaram pela manutenção, mas um dos membros, Stephen I. Miran, defendeu abertamente um corte de 0,25 ponto percentual.

Essa divisão de opiniões marca o fim da ‘era Powell’ e antecipa os desafios de seu sucessor, Kevin Warsh, escolhido pelo presidente Donald Trump. Warsh enfrentará a pressão por cortes mais agressivos nas taxas, algo que o presidente Trump já sinalizou esperar da nova liderança. Jerome Powell, em sua última coletiva como presidente da instituição, parabenizou Warsh e agradeceu aos colegas por servir ao lado deles, mas confirmou que, embora deixe a presidência no dia 15 de maio, continuará atuando como diretor no Fed. **D**

*Com reportagem de Ana Carolina Nunes*

Medida alterou legislação e bloqueou 27 plataformas que atuavam no segmento



# Um cerco às apostas

O governo federal proibiu a atuação das plataformas de mercados preditivos, onde empresas agiam em uma brecha regulatória e o pequeno investidor era atraído por uma suposta facilidade de lucro

**M**ercado preditivo pode soar como uma inovação tecnológica sofisticada. Na prática, trata-se de um universo de plataformas onde usuários negociam palpites financeiros sobre o desfecho de praticamente qualquer situação real: desde o resultado de uma eleição presidencial ou a decisão de uma taxa de juros até quem levará a estatuetta de melhor filme no Oscar. Embora

sejam frequentemente vendidas como modalidades modernas de investimento ou acordos de inteligência coletiva entre usuários, o governo federal resolveu por um fim a esse tipo de operação – e foi enfático ao classificá-las como violação direta da legislação.

Em um anúncio conjunto há poucos dias, o Ministério da Fazenda e a Casa Civil oficializaram a proibição dos cha-

mados mercados preditivos no país. A medida resultou no bloqueio imediato de 27 plataformas via Anatel, e visa encerrar uma zona cinzenta que vinha sendo explorada por empresas estrangeiras para contornar as leis nacionais de jogos e valores mobiliários. O núcleo da questão reside na natureza desses contratos. Ao permitir que se aposte em eventos aleatórios com prêmios prede-



finidos, essas plataformas deixam de atuar como corretoras de ativos reais e passam a funcionar como bancas de apostas não autorizadas.

Na ocasião do anúncio, o ministro da Fazenda, Dario Durigan, disse que existe “abertura demasiada” nesse tipo de operações, o que agride o ordenamento jurídico brasileiro. Ao classificar essas atividades como ilegais, o governo removeu o verniz de mercado financeiro e submeteu essas empresas ao mesmo rigor de fiscalização aplicado ao mercado ilegal de apostas.

A base técnica para o endurecimento de regras veio por meio da resolução nº 5.298 do Conselho Monetário Nacional (CMN). O órgão agiu para esclarecer o que pode e o que não pode ser considerado um ativo subjacente — ou seja, o objeto que serve de referência para um contrato financeiro. Com a nova norma, o Brasil veda a negociação de contratos derivativos vinculados a entretenimento, política ou eventos esportivos. A regra é clara agora. O sistema financeiro permite apenas contratos ligados a indicadores econômicos genuínos, como taxas de juros, índices de preços e taxas de câmbio.

Essa distinção retira do mapa plataformas globais populares, como a Kalshi e a Polymarket, que operavam à

margem do sistema brasileiro oferecendo ‘investimentos’ no resultado de debates políticos ou premiações culturais. A ministra da Casa Civil, Miriam Belchior, ressaltou que esse esclarecimento do CMN foi vital para dar segurança jurídica ao bloqueio das plataformas, garantindo que o Estado tenha as ferramentas necessárias para intervir em um mercado que funcionava sem qualquer supervisão.

O movimento serve para alinhar o Brasil às melhores práticas internacionais. Diversos países já restringiram ou proibiram os mercados de previsão pelo mesmo motivo: o entendimento de que eles funcionam como jogos de azar disfarçados de derivativos, sem contribuir para a estabilidade ou transparência do sistema financeiro.

### O limite entre o entretenimento e a Bolsa

A decisão do governo também traça uma linha nítida que separa o que está acontecendo nas plataformas bloqueadas daquilo que é praticado em ambientes controlados como a bolsa de valores brasileiras, a B3. Recentemente, a bolsa anunciou o lançamento dos ‘Contratos de Eventos’. No entanto, há uma diferença fundamental na estrutura. Os produtos da bolsa são referenciados em

indicadores mais sólidos, como o Ibovespa, o dólar e o bitcoin, e possuem autorização para negociar da Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

Além disso, a B3 impõe barreiras de entrada para proteger o sistema: inicialmente, esses contratos serão exclusivos para investidores profissionais, aqueles que possuem mais de R\$ 10 milhões alocados ou certificações técnicas específicas. O governo quer evitar que o pequeno investidor, atraído por uma suposta facilidade de lucro, acabe em plataformas estrangeiras sem garantias, onde o risco não é calculado com base em dados econômicos, mas na pura aleatoriedade de eventos de entretenimento.

O cerco aos mercados preditivos é apenas uma das frentes de uma ofensiva mais ampla. Durigan aproveitou o anúncio para sinalizar que as operadoras de apostas online, as famosas bets, também estão sob a lupa. Mesmo as 73 operadoras atualmente autorizadas a atuar no país enfrentarão uma fiscalização mais severa. O governo estuda medidas para apertar as regras de conformidade, avaliando novos mecanismos para garantir que o universo das apostas eletrônicas não se torne um duto de evasão fiscal ou um risco à saúde financeira das famílias brasileiras. **D**

# CONTRATA

ESTAMOS CONTRATANDO PARA COZINHA E SALÃO. NÃO É NECESSÁRIO EXPERIÊNCIA.

- Escala 5x2
- Média de 40h semanais
- 12% de serviço no holerite
- Unidades: Santos, Moema e Perdizes



*Fernando Russell, dono de rede de hamburguerias, testou mais de um modelo e ampliou receita*

## Laboratório empresarial

Companhias de diferentes tamanhos opinam (e testam) escalas diferentes da 6x1, modelo em debate no Congresso Nacional – e uma das bandeiras de Lula na corrida eleitoral

O modelo de escala 6x1, que prevê seis dias consecutivos de atividade para apenas um de descanso (e ainda é o pilar de sustentação de setores de atendimento contínuo, como o varejo, bares e restaurantes), está em xeque. O debate vem esquentando, sobretudo desde o início de 2026, e há pelo menos três propostas em trâmite no Congresso Nacional. Há queda de braço entre setores da economia. De um lado, há quem aponte a alta dos custos e, de outro, os que enxergam na transformação o aumento de produtividade das equipes.

Ainda visto como uma necessidade operacional inquestionável por boa parte do setor privado, contudo, o modelo começa a ser redesenhado pelos empresários que enxergam na redução da carga horária um investimento em eficiência e retenção de talentos. À medida que

o tema ganha holofotes e o ano avança, empresários começaram a se manifestar à parte de seus guarda-chuvas de lobby – as associações setoriais. Muitas companhias têm testado os modelos de escala 5x2 (cinco dias trabalhados e dois de descanso) e 4x3 (quatro dias de trabalho, três de descanso). O setor de alimentação fora do lar tem servido como o principal laboratório para essas mudanças.

Nesta semana, a agência de notícias alemã Deutsche Welle apresentou alguns relatos. Fernando Russell, empresário à frente de uma rede de hamburguerias com unidades em São Paulo e no litoral, decidiu romper com o modelo híbrido que mantinha até 2025. Anteriormente, suas lojas operavam com uma alternância semanal entre as escalas 6x1 e 5x2, fechando às segundas-

feiras. Em junho de 2025, ele iniciou um teste em uma unidade piloto: passou a abrir o estabelecimento todos os dias, mas reduziu a carga individual de cada colaborador. O resultado financeiro foi surpreendente, disse. Ao expandir o funcionamento para as segundas-feiras, a hamburgueria gerou receita adicional suficiente para compensar a contratação de novos funcionários, permitindo que a equipe trabalhasse com mais folgas sem reduzir a lucratividade do negócio.

Para Russell, que também atua como professor universitário há duas décadas, a mudança reduziu drasticamente as faltas e a rotatividade de pessoal. Ele defende que, para o grande empresário, a adaptação é uma questão de ajuste de margem, enquanto para o pequeno empreendedor, o desafio reside na profissionalização da gestão.



O Gurumê, no Rio, testou a escala 5x2 e constatou que transição não pode ignorar particularidades de operações menores

Isabela Raposeiras, da Coffee Lab, foi arrojada na escolha da escala 4x3 e notou menos erros operacionais; a receita subiu

Um pouco mais arrojada é a iniciativa de Isabela Raposeiras, proprietária da cafeteria e escola de cafés Coffee Lab. Aversa ao modelo 6x1 por considerá-lo opressor, a empresária implementou a escala 4x3 — quatro dias de trabalho para três de descanso em julho de 2025. O funcionamento das unidades é diário, sustentado por um sistema de escala rotativa que garante ao menos duas folgas consecutivas a cada funcionário. A motivação de Raposeiras é fundamentada na natureza da atividade: o atendimento direto ao consumidor exige psicologicamente da equipe e demanda ‘frescor mental’. O retorno veio na forma de redução de erros operacionais e aumento de faturamento, provando que a operação foi capaz de absorver a mudança após um redesenho detalhado de processos.

No segmento de redes de médio porte, o restaurante Gurumê — com presença no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília — adotou a escala 5x2 em parte de suas unidades. O segredo da transição, segundo o sócio-fundador Jerônimo Bocayuva, foi o mapeamento rigoroso da demanda por turno. Ao ajustar o número de colaboradores à necessidade real de cada horário, a rede conseguiu implementar as folgas extras sem inchar o quadro de funcionários. O foco, segundo ele, é criar um equilíbrio que se reflita na performance e, consequentemente, na experiência do cliente. No

entanto, Bocayuva alerta que essa flexibilidade exige sustentabilidade, e não deve ser fruto de imposição que ignore particularidades de operações menores.

### Matemática da produtividade

Um dos maiores temores da classe produtiva é que o fim da escala 6x1 resulte em um colapso da atividade econômica ou em uma explosão dos preços ao consumidor. A CNI, que representa a indústria, e a CNC (comércio e serviços) apontam para elevações bilionárias de custos. Mas há outros estudos na mesa. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) indicou em fevereiro que a redução da jornada para 40 horas semanais, com manutenção de salários, elevaria o custo médio do trabalho celetista em 7,84%. Entretanto, quando se analisa o peso da folha de pagamento no custo operacional total, o impacto agregado nos setores de indústria e comércio ficaria abaixo de 1%.

A economista Patrícia Tendolini, da PUCPR, argumenta que a produtividade não é uma variável automática. Em setores intensivos em tecnologia e gestão por metas, os ganhos de eficiência ao reduzir a jornada são claros. No consumo e serviços, que dependem de presença física, o desafio é maior e passa obrigatoriamente pelo investimento em automação e ferramentas digitais. Para a especialista, o debate não deve ser restrito

ao desempenho empresarial de curto prazo, mas deve englobar os benefícios indiretos, como a melhora na saúde pública e o aumento do tempo disponível para atividades de cuidado e lazer, que retroalimentam a economia.

O economista Nelson Marconi, da FGV EAESP, reforça que o ganho de produtividade decorre de um rearranjo na forma de trabalhar. Citando testes realizados no Reino Unido, Marconi aponta que jornadas mais curtas reduzem o absenteísmo e tornam os postos de trabalho formais mais atrativos, combatendo a informalidade que hoje captura muitos trabalhadores que fogem da rigidez do modelo 6x1. Além disso, há o efeito multiplicador: o trabalhador que folga um dia a mais tende a consumir mais, seja em salões de beleza, restaurantes ou lojas, gerando uma nova dinâmica de circulação de renda.

Apesar dos casos de sucesso, a transição para jornadas menores não é isenta de obstáculos. O maior deles reside na heterogeneidade dos setores. O que funciona para um restaurante de alta gastronomia pode não ser aplicável a uma pequena padaria de bairro ou a uma linha de montagem industrial. Para Patrícia Tendolini, da PUC, a segurança jurídica e a necessidade de negociações coletivas específicas são fundamentais para que a mudança não gere informalidade. A transição precisa ser gradual e

Luiza Trajano, do Magazine Luiza: 'assunto ainda exige grande debate'



FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/ AGÊNCIA BRASIL

## Luiza Trajano: 'Subir o custo é inviável'

Sobre o debate relacionado às alterações da escala 6x1, a presidente do Conselho do Magazine Luiza, a empresária Luiza Trajano, avalia que, pelo que está em jogo, o assunto ainda "exige discussão muito grande" no país. Para ela, subir os custos das empresas "é inviável", assim como diminuir salários "não é bom".

Luiza, que esteve à frente do Magazine por trinta anos, contudo, pondera que o trabalhador também precisa de dias de descanso e aborda a questão específica das trabalhadoras, uma vez que as mulheres enfrentam dupla jornada. O assunto, continua, "exige grande discussão" e talvez não deva ser discutido a toque de caixa.

As avaliações foram feitas em entrevista ao programa IstoÉ Mulher + Fructus Entrevista. O olhar do Magazine Luiza é relevante, visto que se trata da maior entre as lojas de departamentos do país e a terceira varejista em geral, com faturamento de R\$ 47,2 bilhões em 2024. É ainda a sétima em número de funcionários, com cerca de 37 mil trabalhadores, número confirmado pela empresa, e a 18ª em número de lojas, com 1.245 unidades.

Luiza destacou ainda que a produtividade do país, em debate no âmbito da alteração de escala, é uma questão fundamental para a competitividade brasileira em escala global. "É uma equação que precisava ser bem discutida", reforça. A produtividade do trabalho está estagnada no Brasil há mais de uma década devido ao baixo investimento e à complexidade tributária, indica estudo da 4intelligence. Reduzir a jornada para 40 horas exigiria um aumento imediato de 1,4% na produtividade para não prejudicar o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB).

previsível, permitindo que as empresas invistam em tecnologia e gestão antes de sofrerem o impacto financeiro direto.

Para além dos números de faturamento e custos trabalhistas, o fim da escala 6x1 é defendido por especialistas sob a ótica da saúde mental e física. A manutenção de rotinas extensas com apenas um dia de descanso é frequentemente associada ao fenômeno da fadiga crônica e ao esgotamento profissional. A médica do trabalho Letícia Mameri diz que escalas flexíveis e jornadas reduzidas são ferramentas cruciais para

mitigar riscos de ansiedade, depressão e doenças cardiovasculares.

O trabalhador que opera sob estresse constante e fadiga acumulada rende menos, comete mais erros e está mais propenso a acidentes de trabalho. Portanto, a saúde do trabalhador deve ser vista como um ativo econômico. Como observa Nelson Marconi, da FGV, o descanso adequado permite que o funcionário retorne ao posto com mais engajamento e disposição, o que sustenta a produtividade em níveis elevados ao longo de toda a jornada. **D**

Nelson Marconi, da FGV: descanso adequado gera disposição e eleva a produtividade



PABLO VALADARES

# Revés na Ásia

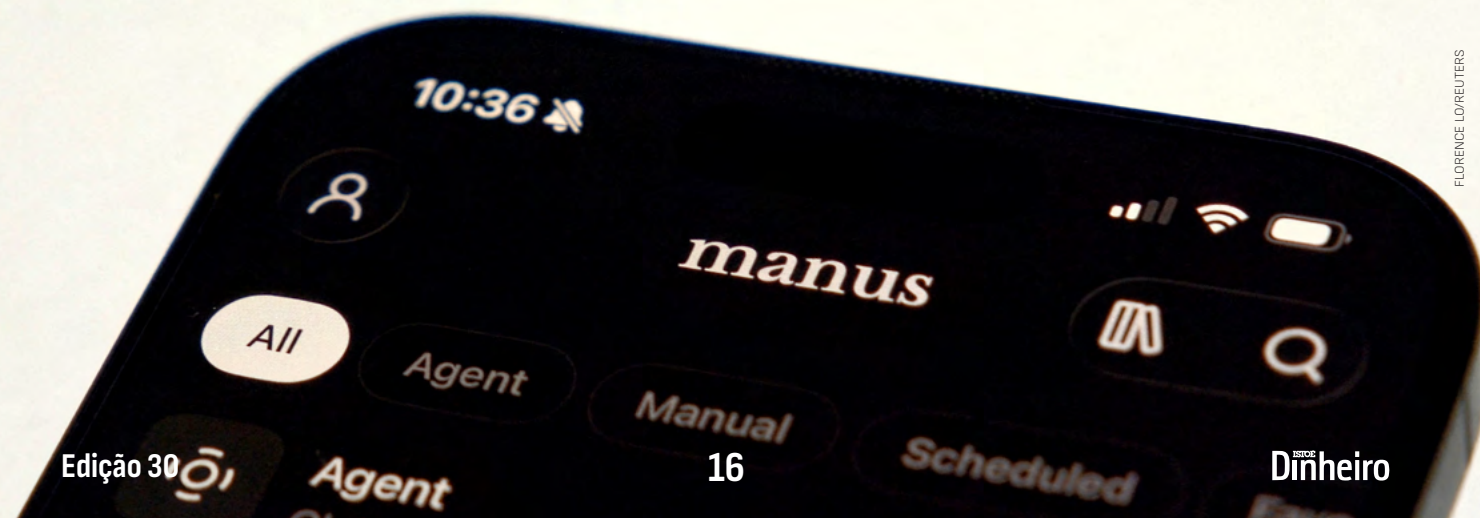
Governo chinês barra aquisição da startup local Manus pela Meta e atrapalha os planos da big tech para avançar em inteligência artificial agêntica

O cenário de disputa pela liderança global em inteligência artificial (IA) ganhou contornos mais rígidos nesta semana. É que a China barrou oficialmente a proposta de aquisição da startup Manus pela Meta Platforms, controladora de Facebook, Instagram e WhatsApp. O negócio, avaliado em mais de US\$ 2 bilhões, foi vetado pela Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma (NDRC), o principal órgão de planejamento econômico chinês, sob o argumento de conformidade com leis e regulamentos nacionais, sem detalhes técnicos adicionais.

A decisão de Pequim representa um movimento estratégico de proteção de ativos tecnológicos em um momento de alta tensão diplomática. O veto ocorre poucas semanas antes de uma reunião de alto nível entre os presidentes Xi Jinping e Donald Trump, e sinaliza um endurecimento do escrutínio sobre empresas de tecnologia chinesas que buscam capital ou incorporação por entidades dos Estados Unidos. Para o governo chinês, o setor de IA é considerado uma prioridade de segurança nacional, o que justifica a restrição ao investimento estrangeiro em empresas-chave da área.

A Manus, embora oficialmente registrada em Singapura desde 2025, possui raízes profundas na China continental. Fundada por empreendedores chineses e com produtos desenvolvidos originalmente no país, a startup tentou, nos últimos meses, distanciar-se de suas origens para facilitar a transação com a Meta. No ano passado, a empresa chegou a recusar investimentos de governos locais na China e transferiu sua sede e equipe principal para o exterior. Entretanto, as autoridades chinesas demonstraram que a jurisdição legal da empresa é irrelevante diante da origem de seus talentos e de sua propriedade intelectual. No mês passado, o Wall Street Journal reportou que dois cofundadores da startup foram impedidos de deixar a China enquanto a operação era analisada pelo Ministério do Comércio.

*Meta, controladora de Instagram e WhatsApp, investiria R\$ 2 bilhões*

The image shows the Meta logo, which consists of a blue infinity symbol followed by the word "Meta" in a dark blue, sans-serif font.



*Veto à Meta, de Mark Zuckerberg, reforça disputa geopolítica entre EUA e China*

MIKE BLAKE/REUTERS

Para a Meta, o veto é um revés significativo em sua tentativa de alcançar concorrentes diretos como Microsoft, Google, OpenAI e Anthropic. A aquisição da Manus era vista como um atalho para que a empresa de Mark Zuckerberg assumisse o protagonismo no campo dos chamados agentes de IA — sistemas capazes de executar tarefas complexas de forma autônoma. Com a integração da tecnologia e dos talentos da startup, a Meta esperava dar um salto qualitativo em seus serviços e infraestrutura.

A execução do veto, contudo, impõe um desafio logístico e jurídico complexo. Fontes próximas à operação indicam que funcionários da Manus já haviam sido transferidos para os escritórios da Meta em Singapura, e investidores de peso, como Tencent, ZhenFund e Hongshan, já teriam recebido os recursos da venda, divulgou a agência de notícias Bloomberg. Em comunicado oficial, a Meta afirmou que o acordo cumpriu

todas as leis aplicáveis e que aguarda uma resolução para a investigação iniciada pelas autoridades chinesas, mas não detalhou como pretende desfazer os trâmites financeiros e operacionais já concluídos.

O bloqueio da transação serve como um alerta para o ecossistema de tecnologia. Analistas do setor, como Ke Yan, da DZT Research, observam que o episódio da Manus funciona como um ‘momento de esclarecimento’. Para ele, Pequim deixou claro que exercerá autoridade sobre tecnologias desenvolvidas em seu território, independentemente de onde a entidade legal esteja incorporada. Recentemente, o governo chinês também emitiu orientações para que empresas privadas rejeitem capital de origem americana em rodadas de financiamento, a menos que haja aprovação explícita do Estado.

Enquanto Washington e Pequim disputam a soberania tecnológica, a

proteção de talentos e o desenvolvimento de chips e softwares domésticos tornaram-se prioridades absolutas para Xi Jinping. O veto à Meta reafirma que, na visão chinesa, a inteligência artificial desenvolvida por mentes locais deve permanecer sob o raio de influência de Pequim, fechando as portas para que gigantes do Vale do Silício incorporem inovações nascidas do outro lado do Pacífico sem o aval do Partido Comunista.

Vale lembrar que utilizando o mesmo argumento de segurança nacional, os Estados Unidos se moveram no ano passado para adquirir o controle do TikTok, da chinesa ByteDance, no país. A companhia chinesa firmou acordos em dezembro passado para transferir o controle das operações do aplicativo em território norte-americano para um grupo de investidores próximos de Donald Trump, o presidente do país. Entre eles está a Oracle, uma das gigantes americanas de tecnologia. **D**

# Dinheiro no mundo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional

## Estados Unidos

### A batalha entre Musk e Altman

Ex-sócios na OpenAI, Elon Musk e Sam Altman se apresentaram nesta semana em um tribunal de Oakland, na Califórnia, para as alegações iniciais de um julgamento que busca determinar se a empresa de inteligência artificial (IA) traiu sua missão de desenvolver a tecnologia sem fins lucrativos. A denúncia detalha como Altman convenceu Musk a apoiar a OpenAI em 2015, como um cofundador de um laboratório sem fins lucrativos e cuja tecnologia “pertenceria ao mundo”. A startup, contudo, criou subsidiária comercial para levantar bilhões de dólares — e hoje rivaliza no mercado de IA com o chatbot Grok, da xAI, de Musk.

## Colômbia

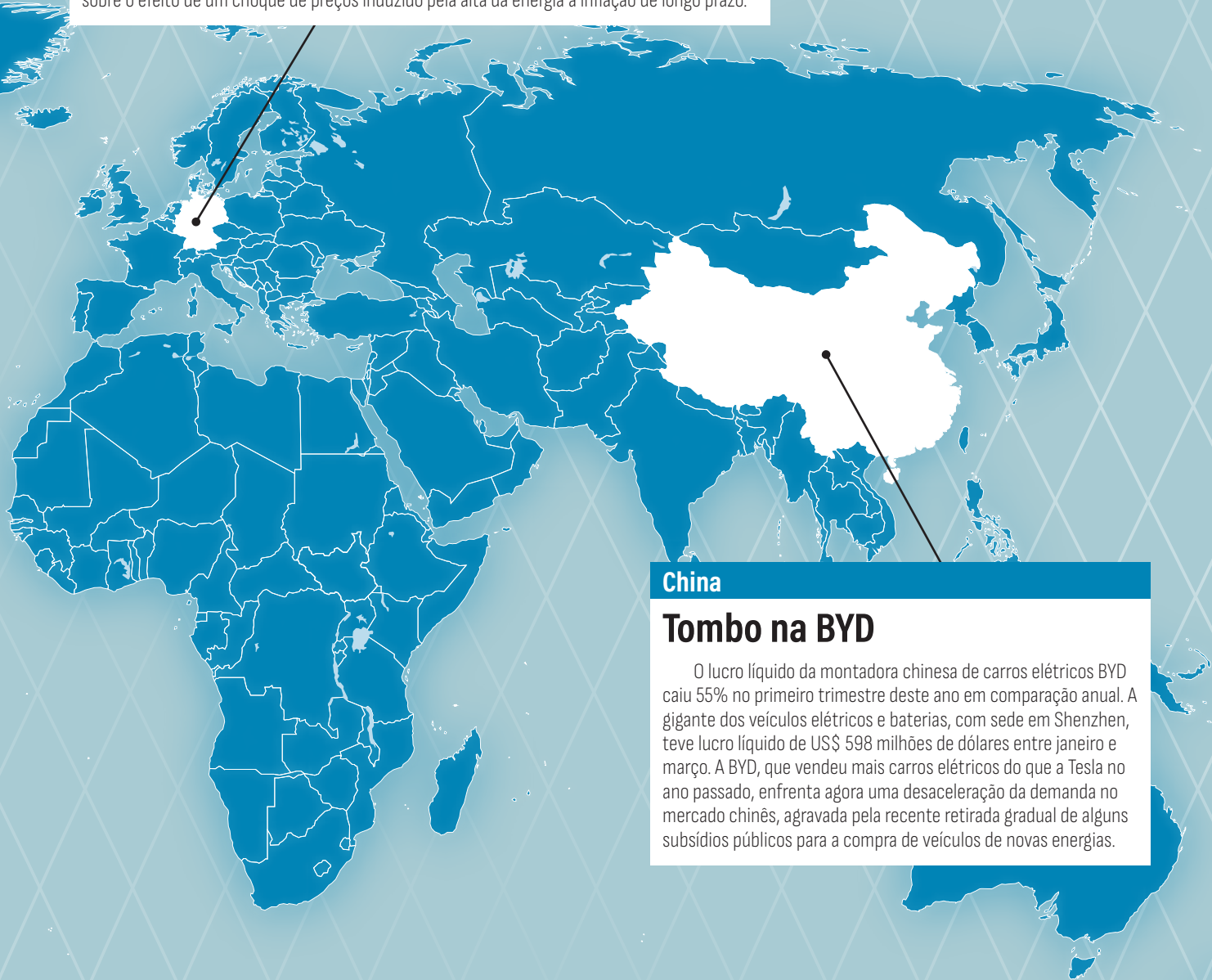
### Sem combustível fóssil

Cerca de 60 governos se reuniram na Colômbia nesta semana para tentar chegar a um acordo sobre o abandono dos combustíveis fósseis. O encontro inédito foi organizado pela Colômbia e Países Baixos com foco particularmente ambiental, visto que o petróleo, o gás e o carvão são os maiores poluentes do planeta. O encontro reuniu países como Brasil, Canadá e Noruega, mas os maiores emissores, a exemplo de China, Estados Unidos, Rússia e países do Oriente Médio, não marcaram presença.

Alemanha

## Um dilema para o Banco Central Europeu

Enquanto as expectativas de inflação da zona do euro aumentam devido às consequências da guerra no Oriente Médio, o crescimento econômico local está fraquejando. A leitura é do Banco Central Europeu (BCE). O quadro exige movimentos distintos da autoridade monetária, e apresenta um dilema sobre a condução da política para o bloco. Ainda assim, é provável que o aumento de juros seja uma decisão do BCE na reunião de junho, visto que há preocupação sobre o efeito de um choque de preços induzido pela alta da energia à inflação de longo prazo.



China

## Tombo na BYD

O lucro líquido da montadora chinesa de carros elétricos BYD caiu 55% no primeiro trimestre deste ano em comparação anual. A gigante dos veículos elétricos e baterias, com sede em Shenzhen, teve lucro líquido de US\$ 598 milhões de dólares entre janeiro e março. A BYD, que vendeu mais carros elétricos do que a Tesla no ano passado, enfrenta agora uma desaceleração da demanda no mercado chinês, agravada pela recente retirada gradual de alguns subsídios públicos para a compra de veículos de novas energias.

# 89,3 mi

é o **volume de ações** a ser disponibilizado pelo grupo **Compass Gás e Energia** via oferta pública inicial (IPO, na sigla em inglês). A operação marca a volta das ofertas públicas na B3 após intervalo de cinco anos. A companhia, pertencente ao conglomerado Cosan, informa que o preço por ação será de R\$ 28 a R\$ 35. A precificação será anunciada em 7 de maio.



DIVULGAÇÃO

# 3,4 mi

de **multas em rodovias no sistema free flow** foram suspensas, anunciou o Conselho Nacional de Trânsito (Contran) nesta semana. A medida concede prazo de até 200 dias para a regularização de débitos dos usuários com tarifas de pedágio e interrompe a aplicação de novas multas por infração durante o período.

# 6,23%

foi a **alta da gasolina** até meados de abril, indicaram dados do IPCA-15. Tratou-se do principal impacto individual na parcial da inflação mensal, que ao todo teve alta de **0,89%** depois de subir 0,44% em março. No grupo de transportes se destacaram, ainda, os aumentos nos preços do óleo diesel (16%) e etanol (2,17%).



MARCELO VARGAS/AGÊNCIA BRASIL

# US\$ 110

era a **cotação do petróleo** na terça, 28, quando os **Emirados Árabes Unidos anunciaram a saída da Opep e Opep+**, grupos que reúnem os principais países produtores de óleo no mundo. Líderes do país se queixam de falta de proteção militar do Conselho de Cooperação do Golfo em meio aos ataques do Irã no contexto da guerra no Oriente Médio.

# 24%

é quanto devem subir os **preços da energia** em 2026, atingindo o **nível mais alto desde a invasão da Rússia na Ucrânia**, há quatro anos. Isso se as interrupções mais graves causadas pela guerra no Oriente Médio tiverem fim em maio. A informação é do Banco Mundial.

# Emoções perigosas

O mercado brasileiro de apostas online já é o quinto maior do mundo, com R\$ 37 bilhões em receita bruta das companhias reguladas. Mas a saúde de apostadores que enxergam na atividade uma forma de diversão ou investimento está em risco

Tatiana Schnoor

O segmento de apostas online do Brasil já é considerado o quinto maior mercado do mundo. Em 2025, a receita bruta das empresas reguladas – que possuem autorização da Secretaria de Prêmios e Apostas, do Ministério da Fazenda (SPA-MF), para operar – alcançou significativos R\$ 37 bilhões. O valor representa o total de apostas realizadas, menos os valores de prêmios pagos. Boa parte do ganho tem como origem a emoção do brasileiro, que busca diversão e/ou enxerga na atividade uma forma de investir. O cenário reforça o sinal de alerta, inclusive dado por profissionais de saúde.

A adesão às plataformas de apostas online e às bets pelos brasileiros cres-

ce a cada ano – e impacta sobretudo os jovens do gênero masculino. Para esse grupo, as apostas online estão conectadas à percepção de prática recreativa, o que os motiva a jogar é a emoção de apostar. Uma parcela desses apostadores já está enquadrada entre jogadores problemáticos e de risco moderado, medida pelo índice de tendência ao vício em apostas, como mostra a pesquisa ‘Raio X do Investidor Brasileiro’, divulgada pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima).

O levantamento indica que o percentual de pessoas que fazem apostas em bets no país foi de 14%, em 2023,

para 17%, em 2025. Do total, 66% são homens, com idade média de 35 anos, renda familiar de R\$ 5.402 por mês, possuem ensino médio e moram na região Sudeste. Ademais, a parcela da população que aposta devido à emoção recreativa cresceu significativamente desde 2023. O percentual daqueles que sentem emoção ao apostar subiu de 25%, em 2023, para 27%, em 2025, e entre os que acreditam que a prática é uma diversão foi de 26%, em 2023, para 32%, em 2025. O levantamento evidenciou ainda qual é o gasto mensal com bets, o que gira em torno de R\$ 100 para 37% do universo de apostadores da pesquisa. Há, contudo, o percentual de gastos de

*Adesão às plataformas de apostas online sobe a cada ano, e maior público é masculino*





*Maior parte dos adeptos é jovem, e o gasto mensal nas plataformas chega a R\$ 100*

MAGNIFIC

menor valor (que vão de R\$ 1 a R\$ 30). A faixa também expandiu em anos recentes e saiu de 33% para 36%, entre 2024 e 2025. Houve ainda evolução na parcela de jogadores avaliados pelo índice de tendência de vício em apostas. A classificação relativa ao vício, medido pela Anbima, foi desenvolvida com base no indicador internacional 'Problem Gambling Severity Index (PGSI)'. Do total de apostadores, 11% são enquadrados como problemáticos em 2025, expansão de 1% em relação ao ano anterior. Aqueles que são considerados de risco moderado apresentaram aumento de 26% para 28% dos apostadores no mesmo período de comparação.

O relatório destaca que o grupo mais representativo continua sendo o de apostadores que não apresentam risco no índice de tendência ao vício, somando 32%. Porém, "o percentual deles caiu em relação à edição passada, quando alcançavam 35%", indica o estudo. Dentre os perfis de apostadores problemáticos, a maioria é jovem: 82% deles pertencem à geração Z (pessoas de 16 a 29 anos) ou são Millennials (de 30 a 44 anos). Nesse recorte, 73% são homens e enquadram-

-se na classe C. Esse grupo foi o que menos conseguiu economizar em 2025 (23%). Eles representam o maior grupo sem reserva dentre os apostadores (25%) e também o menor com reserva para períodos superiores a seis meses (23%). Também apresentam o menor volume de investidores (31%).

A instituição ouviu 5.832 pessoas nas cinco regiões do Brasil, e a amostra reflete a população brasileira com 16 anos ou mais, de todas as classes econômicas, com ou sem renda individual e de um universo de 168,1 milhões de pessoas, conforme a Pnad do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

### Bilhões em saúde

A fragilidade financeira do apostador recorrente gera um custo social anual de R\$ 38,8 bilhões no Brasil. Do valor total citado, cerca de 80% referem-se a problemas de saúde, como perda de qualidade de vida ou tratamentos relacionados à depressão, além de mortes adicionais por suicídio. Trocando em miúdos, isso quer dizer que as pessoas ficam doentes, produzem menos para a economia e gastam mais em tratamentos

psiquiátricos, por exemplo. O cálculo foi realizado pelo Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (IEPS), Frente Parlamentar Mista para Promoção da Saúde Mental (FPSM) e organização Umane.

Não à toa, portanto, o tema das bets e das plataformas de jogos online se tornaram alvo de restrições do governo federal, que na sexta-feira, 24 de abril, anunciou sanções ao mercado de derivativos e a operações do chamado mercado preditivo. Na prática, ficou proibida a oferta de contratos de derivativos com ativos vinculados a eventos esportivos, políticos, culturais ou de entretenimento, além de jogos on-line. Com isso, 27 plataformas de mercados preditivos consideradas irregulares por estarem fora dos parâmetros legais foram bloqueadas pela Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações).

Com relação às bets, o ministro da Fazenda, Dario Durigan, disse que o governo estuda medidas para apertar ainda mais essa modalidade de apostas online. "Vamos endurecer a fiscalização e vamos seguir avaliando outras medidas", afirmou. Atualmente, 73 operadoras de bets operam no Brasil. **D**

*Além da americana P&G, ao menos vinte empresas cortaram projeções de lucro*



DIVULGAÇÃO

# Limite de resiliência

A guerra no Oriente Médio e seu efeito inflacionário estão esgotando o fôlego de empresas e consumidores. Só a P&G espera impacto de US\$ 1 bilhão no lucro fiscal de 2027

A frágil retomada da demanda observada por empresas de bens de consumo em todo o mundo enfrenta um novo e severo obstáculo. O risco de uma estagnação no consumo cresce à medida que o conflito no Oriente Médio eleva os custos de energia e commodities, forçando as companhias a considerar novos reajustes de preços para proteger suas operações. Esse cenário ameaça interromper um breve período de alívio para os compradores, que já vinham de anos de pressão inflacionária e começavam a ensaiar um retorno aos hábitos de compra anteriores à crise global de preços.

A gravidade da situação foi detalhada há poucos dias – mais especificamen-

te na sexta-feira, 24 – pela gigante norte-americana Procter & Gamble (P&G). A companhia sinalizou um impacto de aproximadamente US\$ 1 bilhão em seu lucro fiscal de 2027, uma vez que a valorização do petróleo no mercado internacional afeta diretamente toda a sua cadeia de suprimentos, desde a produção de embalagens e materiais plásticos até os custos logísticos de distribuição. O diretor financeiro da P&G, Andre Schulten, disse que a inflação em setores essenciais como alimentos, energia e saúde já havia afetado a forma como o consumidor avalia o valor dos produtos, mas os eventos geopolíticos recentes elevaram esse patamar de preocupação a um novo nível.

O alerta da P&G é reflexo de um padrão mais amplo que atinge corporações de diversos segmentos. Uma análise feita pela agência de notícias Reuters sobre as declarações corporativas desde o início do conflito mostra que o impacto é sistêmico. Ao menos 24 empresas retiraram ou cortaram suas estimativas de lucro, 35 sinalizaram a necessidade de aumentos de preços e outras 36 advertiram formalmente sobre impactos financeiros negativos. Para executivos, o caminho do consumidor para a compra está mudando diariamente, e a expectativa é de que os próximos três a cinco anos sejam marcados por uma volatilidade ainda mais intensa. Para as gigantes de consumo, o grande é o limite

*Guerra afeta o trânsito de petroleiros e barril segue em altos níveis de preços*



MOHAMMED ATY

da resiliência do comprador. Resultados recentes de grupos como a suíça Nestlé e a francesa Danone mostraram um crescimento no volume de vendas no primeiro trimestre de 2026, após uma prolongada estagnação. O dado trouxe algum alívio aos investidores, sugerindo que a demanda estava finalmente se recuperando após sucessivos anos de reajustes. No entanto, analistas alertam que essa recuperação pode ter vida curta. Se as empresas forem forçadas a repassar os novos custos de energia e transporte, os consumidores, já atentos ao valor, podem migrar definitivamente para marcas mais baratas ou de fabricação própria.

Dan Coatsworth, chefe de mercados da AJ Bell, avalia que as empresas de bens de consumo básico farão o possível para repassar quaisquer custos extras, mas a resistência do mercado será maior desta vez. Para tentar mitigar esses efeitos, o vice-CEO da Danone,

Juergen Esser, afirmou que a companhia tem acelerado programas de produtividade e utilizado mecanismos de cobertura financeira para amortecer as pressões de custo no curto prazo. A estratégia visa evitar que a volatilidade dos preços das commodities atinja o preço final nas gôndolas de forma imediata, preservando as margens que começavam a se recuperar.

### Migração de marcas

O impacto do conflito no Oriente Médio também é sentido de forma geográfica. Kris Licht, presidente-executivo da Reckitt, fabricante de marcas globais como Dettol, revelou que as turbulências já atingiram as operações da empresa na região da guerra, corroendo o que havia sido um início de ano promissor. Embora a demanda em categorias principais de higiene e saúde ainda se mostre resiliente, a visibilidade para o segundo semestre de 2026 permane-

ce limitada. A Reckitt notou um movimento de consumidores que deixaram de comprar produtos de marca em favor de alternativas de marca própria, o que pressiona as margens de lucro.

Comportamento semelhante foi relatado pela Keurig Dr Pepper, de bebidas e cafeteiras, que observou clientes trocando gamas de produtos (no âmbito da mesma marca por enquanto) por opções mais econômicas. Isso obrigou a empresa a se apoiar em promoções agressivas para manter o giro de estoque. Enquanto isso, o mercado financeiro aguarda com cautela os balanços de outras potências que ainda não detalharam o impacto da crise energética. Gigantes como a Unilever, Coca-Cola, Kimberly-Clark e Mondelez estão na mira e trazem novas evidências sobre como o aumento do petróleo e das tensões na cadeia de suprimentos afetará o custo de vida global nos próximos meses. **D**



Rede separou especialidades para se adequar ao tamanho dos imóveis



Erver (CEO), Pereira, country manager Brasil, e Andersson (CCO): marca chega ao Rio Sul Shopping Center, em Botafogo

# Suecos na praia

Menos de um ano após o desembarque no Brasil, rede H&M inaugura a primeira loja no Rio de Janeiro

Bruno Pavan

A rede sueca H&M acaba de desembarcar no Rio de Janeiro ao abrir a sua primeira unidade no Rio Sul Shopping Center, em Botafogo. A expansão marca a saída da varejista do eixo exclusivo de São Paulo e antecipa um cronograma de aberturas de lojas em 2026 que Sorocaba, Porto Alegre e uma segunda loja na capital fluminense, no Norte Shopping. O movimento ocorre menos de um ano após a estreia da marca no Brasil, mais especificamente no Shopping Iguatemi, em São Paulo. O country manager da rede no Brasil, Joaquim Pereira, comenta as primeiras percepções relacionadas à operação no país.

O brasileiro, diz ele, tem um forte apelo pela moda. "Ele não procura apenas peças básicas. Enquanto o chileno compra três unidades da mesma calça, o brasileiro prefere montar um visual completo, com uma t-shirt para combinar", conta. O executivo também destaca que a companhia aposta em um crescimento a "passos seguros" no país, e que a rede enxerga a América do Sul como um mercado estratégico. A rede quer inaugurar a primeira loja no Paraguai ainda em 2026, e na Argentina em 2027. Para apoiar a abertura da primeira loja no Rio de Janeiro,

a marca vai contar com um quiosque na praia de Ipanema. A ideia é reforçar a aproximação ao cliente carioca em outros ambientes. A estrutura vai ficar próxima do Posto 9 na orla e vai contar com atividades interativas, bebidas, sorvetes e uma máquina de pegar brindes.

## Estratégia: conhecendo o brasileiro

A aposta no Rio é também um movimento de compreensão estratégica de questões do mercado. Um dos principais desafios que a marca vem buscando entender no Brasil são as diferenças climáticas. Depois de se consolidar em São Paulo, a H&M aposta no Rio de Janeiro, uma cidade mais quente na maior parte do ano, e em Porto Alegre, tradicionalmente com temperaturas mais baixas.

A H&M costuma basear sua experiência em outros países continentais, como os Estados Unidos, onde já precisou adaptar a mesma coleção para atender simultaneamente a demandas muito diferentes, como o frio de Nova York e o calor de Miami. Por isso a intenção da rede é, a partir do ano que vem, com mais dados sobre os hábitos do brasileiro, aumentar a oferta de produtos mais adaptados ao gosto de cada consumidor.

Outra dificuldade que a rede encontrou no país foi a falta de espaço para lojas grandes, com mais de 2.500 metros quadrados. A saída para essa dificuldade foi dividir especialidades. No Morumbi Shopping, por exemplo, a rede possui duas lojas: uma para moda masculina e outra para feminina. O executivo cita a loja inaugurada no Shopping Dom Pedro, em Campinas, como modelo ideal, que conta com moda masculina, feminina, infantil e artigos de casa em um mesmo espaço. "A separação não é o cenário ideal, mas tivemos que nos adequar à disponibilidade de cada local", disse Pereira.

## Escala 5x2

Em meio ao debate sobre a mudança da escala 6x1, que ganha temperatura no Brasil e deve ser votado em breve pelo Congresso Nacional, a rede resolveu antecipar-se. A marca decidiu apostar na escala 5x2 desde que chegou ao país. Pereira destaca que a experiência está sendo muito bem-sucedida, e aposta que outras grandes redes vão adotar o modelo em breve. "O nosso melhor benefício aos funcionários é a escala 5x2. Vemos debates dizendo que a exigência de um dia a mais de folga está ligada à nova geração, mas não concordamos, pois funcionários de gerações anteriores também valorizam muito essa jornada", disse. "Apesar de exigir gastos maiores para dar essa flexibilidade, entendemos que vale a pena, pois temos funcionários mais contentes, motivados e que desejam se comprometer com a empresa", encerrou. **D**



Brasil é o mercado mais relevante para a empresa, onde reúne 113 milhões de clientes

# Revolução digital

Nubank anuncia R\$ 45 bilhões em investimentos no Brasil enquanto reestrutura seus negócios – focos são inteligência artificial em modelos de crédito e ampliar equipes

**O** Nubank estruturou um plano agressivo de expansão de negócios com foco no mercado brasileiro. A plataforma de serviços digitais anunciou que pretende realizar investimentos de aproximadamente R\$ 45 bilhões no país em 2026. O volume representa o dobro do anunciado pela companhia nos últimos dois anos e reflete a robustez da operação local, que tem servido de motor para os resultados globais da holding. O comunicado da empresa informa que os recursos serão destinados ao reinvestimento dos resultados gerados pela própria operação local, despesas operacionais e recolhimento de tributos.

Um dos pilares centrais da estratégia para este ano é a aposta em novos modelos de crédito baseados em inteligência artificial, além da ampliação das equipes de trabalho. A infraestrutura tecnológica também receberá atenção especial, com a destinação de mais de R\$ 2,5 bilhões para essa área nos próximos cinco anos, incluindo a expansão da rede de escritórios pelo país. A ofensiva financeira ocorre em um momento de transição institucional para a fintech. No mês passado, o Nubank formalizou sua entrada na Federação Brasileira de Bancos (Febraban) e deu início ao processo para obter uma licença bancária plena no Brasil. Vale lembrar que o mo-

vimento é fruto de mudança de regras do Banco Central visando fintechs e que foram anunciadas ao final do ano passado.

Livia Chanes, CEO do Nubank Brasil, disse que a instituição chega aos treze anos de operação como uma das maiores instituições financeiras privadas em número de clientes no país. Para a executiva, o novo aporte é a expressão concreta do compromisso da marca em se tornar o principal aliado financeiro dos brasileiros. O desempenho financeiro da Nu Holdings em 2025 dá suporte à magnitude do novo investimento. O grupo encerrou o ano passado com uma receita total de R\$ 91 bilhões, o que representa uma

## Empresas

alta de 45% em relação ao ano anterior, descontados os efeitos cambiais. O lucro líquido atingiu a marca recorde de R\$ 16,2 bilhões, acompanhado de um retorno sobre o patrimônio líquido (ROE) de 33% — patamares inéditos para a companhia. No balanço operacional, a carteira de crédito saltou 40%, chegando a R\$ 179,7 bilhões, enquanto os depósitos totais alcançaram R\$ 230,3 bilhões.

O Brasil permanece como o mercado mais relevante para a operação, concentrando 113 milhões de clientes, o que equivale a mais de 60% da população adulta do país. O impacto social da plataforma também foi destacado no balanço: cerca de 31,5 milhões de brasileiros entraram no sistema financeiro formal por meio do banco digital. Além disso, a instituição foi a porta de entrada para 18,4 milhões de pessoas que tiveram seu primeiro cartão de crédito no país. Com uma taxa de atividade mensal recorde de 86%, a empresa reforça sua posição de liderança em engajamento no setor bancário do país. **D**

REPRODUÇÃO DO LINKEDIN



*Livia Chanes, CEO do Nubank: desempenho em 2025 dá suporte ao investimento*

## Proteção ao FGC

Em uma resposta direta às fragilidades expostas pelo recente colapso do Banco Master, o Conselho Monetário Nacional (CMN) aprovou há poucos dias uma série de medidas para restringir o uso excessivo de garantias do Fundo Garantidor de Créditos (FGC). A decisão, detalhada pelo Banco Central (BC) em nota, visa mitigar o “risco moral” de instituições que baseiam seu crescimento quase exclusivamente na proteção oferecida pelo fundo para atrair investidores.

A principal mudança é a criação do Ativo de Referência (AR), um novo indicador que mede a qualidade, diversificação e transparência do patrimônio das instituições financeiras. A partir de agora, caso os recursos captados por um banco com garantia do FGC ultrapassem o limite estabelecido por esse indicador, a instituição será obrigada a direcionar parte do excedente para a compra de títulos públicos federais.

O objetivo é assegurar que o banco possua ativos de alta liquidez e segurança para lastrear sua operação, evitando a exposição desmedida do garantidor.

A intervenção regulatória ocorre após o FGC ter seu saldo severamente drenado pela liquidação do Master. A instituição, que registrou um crescimento agressivo ao oferecer remunerações acima da média de mercado protegidas pela garantia do fundo, exigiu o desembolso de mais de R\$ 40 bilhões em coberturas. O caso é alvo de investigações policiais que apuram fraudes bilionárias. O proprietário da instituição, Daniel Vorcaro, foi preso sob acusação de subornar servidores do Banco Central e de articular ataques e intimidações contra indivíduos que contrariavam seus interesses.

As novas normas entrarão em vigor no dia 1º de junho deste ano, com uma aplicação que o BC

classifica como gradual. Além do controle sobre as garantias, o CMN aprimorou as exigências prudenciais de liquidez. Instituições enquadradas no Segmento 2 (S2) — a segunda categoria no escalonamento de porte do BC, que vai de S1 a S5 — passarão a ser obrigadas a manter um indicador de liquidez de curto prazo, reserva destinada a enfrentar períodos de estresse financeiro.

A regulação também alcança instituições menores. Foi instituído um indicador de liquidez de curto prazo simplificado para as empresas dos segmentos S3 e S4 que captam recursos via depósitos ou emissão de títulos. Segundo a autoridade monetária, a implementação desses requisitos seguirá um cronograma de transição para garantir que as instituições tenham tempo adequado para adaptar seus processos internos e sistemas tecnológicos às novas demandas de transparência e solidez.



Programa Move Agrícola com foco em aquisição de alta tecnologia foi lançado pelo vice-presidente Geraldo Alckmin

# No reduto da oposição

Governo federal lança linha de crédito de R\$ 10 bilhões para modernização de maquinário e diz estudar saídas para endividamento setorial na Agrishow

A abertura da 31ª edição da Agrishow, em Ribeirão Preto, tradicionalmente o termômetro das relações entre o Planalto e o agronegócio, foi marcada por um movimento estratégico do governo federal para tentar destravar investimentos e recompor o diálogo com o setor produtivo em ano de eleições. O vice-presidente da República, Geraldo Alckmin, anunciou o lançamento do programa Move Agrícola, uma linha de crédito de R\$ 10 bilhões voltada exclusivamente para a modernização de máquinas e implementos. A medida busca atacar um dos principais obstáculos para o crescimento das safras brasileiras: o envelhecimento da frota e o alto custo fi-

nanceiro para a aquisição de tecnologia de ponta. A nova linha de crédito será operacionalizada pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e deve estar disponível nas agências bancárias e cooperativas em um prazo de 20 a 30 dias.

O governo federal acredita em um cenário favorável para os “juros [taxa Selic] de um dígito” (as projeções de economistas indicam 12,5% em dezembro deste ano), o que favoreceria a aquisição do maquinário. Os recursos têm origem no superávit do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e serão distribuídos por meio de uma rede capilarizada que inclui o Banco do Brasil, bancos privados e, de

forma inédita em parceria direta com a Finep, as cooperativas de crédito. O foco da iniciativa é claro ao buscar inovação e conteúdo nacional. O governo federal quer priorizar o financiamento para equipamentos fabricados no Brasil que incorporem soluções de agricultura digital e pesquisa e desenvolvimento.

A passagem da cúpula do governo federal pela Agrishow 2026 serviu para reafirmar a importância do agronegócio como motor do Produto Interno Bruto (PIB), mas também evidenciou os desafios de uma relação que ainda busca sintonia fina. Se os R\$ 10 bilhões para máquinas representam um combustível bem-vindo para a indústria e para o



*Apesar da linha para maquinário, agro se queixa de seguro rural*

DIVULGAÇÃO

campo, a solução definitiva para o seguro rural e para o passivo financeiro dos produtores continua sendo a prova de fogo que determinará o ritmo do setor nos próximos anos. Por ora, a recomendação das federações aos agricultores é de cautela administrativa, focando na produtividade enquanto aguardam a concretização das promessas de Brasília.

Nem mesmo o pacote de medidas federais, contudo, foi capaz de alterar a temperatura política da Agrishow, onde o palanque seguiu cativo de expoentes da direita. A sintonia entre as lideranças do setor e a oposição ao governo de Luiz Inácio Lula da Silva foi personificada pelo governador paulista Tarcísio de Freitas (Republicanos), cujas saudações a Flávio Bolsonaro após a abertura reforçaram a manutenção de um bastião conservador em meio à principal vitrine do campo. Um dos temas em pauta, o qual sempre permeia as conversas entre lideranças políticas e o setor agrícola, o qual ganhou foco na ocasião, foi o endividamento rural. Alckmin confirmou a representantes do agro que o governo

federal estrutura um amplo programa de renegociação de dívidas. O plano, segundo ele, pretende contemplar tanto os produtores que já estão em situação de inadimplência quanto aqueles que, apesar de manterem os pagamentos em dia, viram sua capacidade de investimento exaurida pela combinação de preços de commodities mais baixos e custos de produção elevados. “O objetivo é reequilibrar financeiramente a atividade e garantir que o produtor recupere sua competitividade”, disse.

A pressão por uma solução estruturada para as dívidas é uma das principais bandeiras da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA). Representantes dizem que o setor precisa de fôlego para honrar compromissos sem ter de paralisar a produção ou reduzir a área plantada na próxima safra. O ministro da Agricultura, André de Paula, ecoou o sentimento, comprometendo-se a manter um canal aberto com o Congresso e com as entidades de classe para formar um modelo que seja sustentável do ponto de vista fiscal.

Apesar do anúncio bilionário, contudo, o clima nos pavilhões da Agrishow — que este ano espera movimentar cifras recordes em negócios — ainda é de cobrança. Lideranças do setor, como Tirso Meirelles, presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo (Faesp), não esconderam uma ponta de frustração. Para Meirelles, os anúncios foram pontuais e não atacaram o que ele chama de ‘problemas estruturantes do agro’. O principal alvo das críticas é o seguro rural. Atualmente, o programa federal de subvenção ao seguro cobre pouco mais de 7% da área plantada no Brasil, deixando a vasta maioria dos produtores exposta a quebras de safra por questões climáticas, o que fatalmente leva a novos ciclos de endividamento.

O governo reconheceu a limitação, mas condicionou a ampliação do seguro à responsabilidade fiscal. Alckmin indicou que o aumento da cobertura depende do equilíbrio das contas públicas, o que, na visão de alguns representantes de cooperativas, mantém o setor em um estado de incerteza. Além disso, a dependência externa de fertilizantes — o Brasil importa cerca de 85% do que consome — continua sendo uma vulnerabilidade estratégica que, segundo o setor, exige políticas de estado mais robustas e imediatas do que as apresentadas até agora. Apesar das dificuldades relacionadas agora ao cenário externo, visto que a guerra no Oriente Médio afetou o preço dos adubos, o ministro André de Paula destacou que o agronegócio brasileiro está prestes a entrar em uma nova fase com a entrada em vigor do acordo entre o Mercosul e a União Europeia, prevista para o início de maio.

A redução tarifária para produtos agropecuários é vista como uma janela de oportunidade para diversificar as exportações e acessar mercados de maior valor agregado. Vale lembrar, contudo, que os frutos não são todos colhidos imediatamente. Para alguns segmentos o retorno leva tempo. No entanto, para aproveitar essa abertura, o governo entende que a modernização prevista no programa Move Agrícola é fundamental. Produzir mais com menos impacto ambiental e maior eficiência tecnológica é a única forma de o Brasil manter sua hegemonia no comércio global de alimentos. **D**



*Novas cultivares  
estão entre as  
inovações que  
entregam ganhos*

HEY PRODUÇÕES

# Um balanço sobre inovação

Tecnologias desenvolvidas pela Embrapa geram lucro de R\$ 124 bilhões ao setor produtivo e estatal projeta estruturar fundo para reduzir dependência da União

**A**s soluções da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) geraram, no último exercício, um lucro social de R\$ 124,76 bilhões – total que representa o valor decorrente dos benefícios econômicos colhidos pelo setor produtivo ao adotar as soluções tecnológicas desenvolvidas pela instituição. O resultado é fruto de uma análise rigorosa sobre o impacto de 166 soluções

tecnológicas (105 delas apresentaram ganhos diretos por aumento de produtividade) e a incorporação de outras 209 tecnologias que já permeiam o mercado brasileiro, evidenciando a capilaridade da inovação produzida pela empresa.

O desempenho financeiro e social da estatal evidencia uma trajetória de crescimento robusto, sendo 17% superior ao lucro social proporcionado pela

empresa em 2024, em termos reais. No que tange à eficiência operacional, a receita líquida da Embrapa saiu de R\$ 4,2 bilhões para R\$ 4,6 bilhões entre 2024 e 2025. Tais números reforçam o retrato de que o investimento em ciência e tecnologia no campo não é apenas uma despesa orçamentária, mas um multiplicador de riquezas para o estado e para o produtor rural, contribuindo em

**Silvia Massruhá, da Embrapa: R\$ 27 de retorno por real investido**

**Embrapa**

A Embrapa é uma das maiores e mais avançadas instituições de **ciência agropecuária tropical** do mundo!

Com 43 Centros de Pesquisa em 24 estados e no Distrito Federal, sua missão é viabilizar **soluções de pesquisa, desenvolvimento e inovação** para a sustentabilidade da agricultura.

Tudo isso em **benefício da sociedade** brasileira.

Em 2025:

**R\$124,7 bilhões** em lucro social

Foram gerados **132.115** novos empregos

Cada real investido retornou **R\$27,12**

Diferentes tecnologias que melhoram a produção com sustentabilidade

tecnologias da Embrapa para cadeias produtivas

coletivo avança

HEYPRODUÇÕES

competitividade para o país. Já para a sociedade brasileira, o dado mais expressivo reside no chamado índice de retorno social. Em 2025, para cada R\$ 1 aplicado pelo Tesouro Nacional na estatal, foram gerados R\$ 27 em retorno para o país. Este indicador de eficiência superou a marca de 2024, quando o retorno auferido foi de R\$ 25,37 para cada real investido. Os dados foram detalhados há poucos dias pela presidente da Embrapa, Silvia Massruhá, durante a abertura da Feira Brasil na Mesa, em Planaltina (DF). O evento, que marcou os 53 anos da instituição, foi realizado na Embrapa Cerrados. Silvia enfatizou na ocasião que há necessidade de orçamento com previsibilidade para a manutenção da contribuição científica da estatal.

O orçamento público destinado à instituição alcançou R\$ 4 bilhões em 2023 e tem sido mantido acima desse patamar nos últimos três anos, contou. Assegurar a constância da destinação dos recursos e ampliar o patamar do investimento na empresa é essencial para que os impactos econômicos e sociais sejam garantidos também pelas

próximas décadas. Como estratégia de gestão, a presidente revelou que a estatal articula junto ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) a criação de um fundo específico para fomentar a inovação, visando diminuir a vulnerabilidade em relação às oscilações do orçamento da União e garantir independência tecnológica.

A maior fatia do retorno bilionário apresentado como lucro social, ou seja, R\$ 118,62 bilhões, deriva diretamente dos impactos econômicos das 166 tecnologias monitoradas. Outros R\$ 4,63 bilhões são atribuídos a 110 cultivares desenvolvidas e disponibilizadas aos produtores. O balanço também contabiliza R\$ 1,5 bilhão proveniente de indicadores sociais e laborais da estatal. No campo do emprego, a atuação da Embrapa sustentou 132.115 postos de trabalho, entre diretos e indiretos, ao longo do último ano, reafirmando o papel da empresa em manutenção de renda.

O cálculo do lucro social é realizado anualmente pelas 43 unidades descentralizadas da empresa pública, baseando-se no rendimento adicional gerado pelas soluções adotadas no campo. En-

tre os pilares de impacto, destaca-se o incremento de produtividade na atividade agropecuária, que gerou benefícios de R\$ 63,93 bilhões em 2025. Das 166 tecnologias avaliadas, 105 apresentaram ganhos diretos por aumento de produtividade. Outro benefício apurado é a redução substancial do custo de produção. No ano passado, 47 tecnologias geraram uma economia de R\$ 45 bilhões aos produtores brasileiros. Além disso, a agregação de valor aos produtos gerou um aumento de renda de R\$ 8 bilhões por meio de 37 tecnologias específicas.

As tecnologias desenvolvidas pela Embrapa e seus parceiros responderam por 16% do Produto Interno Bruto da agropecuária em 2025, totalizando R\$ 123,25 bilhões de um universo de R\$ 775,3 bilhões do setor produtivo rural. Olhando para o futuro, Silvia Massruhá destacou o processo de internacionalização da marca, com projetos avançados para a instalação de escritórios técnicos na África, Ásia e América Central, consolidando o Brasil como um exportador global de conhecimento agrícola, sustentabilidade produtiva e segurança alimentar para as próximas gerações. **D**



*O custo médio do prato para cinco pessoas recuou em acompanhamentos e itens secundários e chegou a R\$ 95*

FLAVIA NOVAIS NAKAMURA

# Alívio para a feijoada

Os alimentos voltaram a pressionar a inflação, mas um dos pratos preferidos do brasileiro recuou pouco mais de 7% em abril

**A** pesar da alta dos alimentos, o bolso do brasileiro encontrou algum alento em um dos símbolos mais tradicionais da culinária nacional: a feijoada. Em abril, o custo médio para preparar o prato para cinco pessoas recuou 7,5%, para R\$ 94,50 – e interrompeu a trajetória de alta vista em um ano. No mesmo mês do ano passado, o consumidor precisava gastar R\$ 102,30 para preparar o prato para o mesmo número de pessoas, indicou um levantamento

da Neogrid, consultoria especializada em inteligência de dados para a cadeia de consumo.

A trajetória de deflação da feijoada, no entanto, não foi uniforme entre os ingredientes. O alívio no valor final foi garantido, sobretudo, pelo recuo expressivo nos acompanhamentos e itens secundários. O arroz, item onipresente na mesa do país, registrou uma queda de 24%, e passou de R\$ 6,22 para R\$ 4,72 na composição da receita. Outros com-

ponentes fundamentais para o equilíbrio do paladar também ficaram mais baratos: a laranja liderou as baixas com recuo de 29%, seguida pela farinha de mandioca, que barateou 17,5%. Já no grupo das proteínas, o comportamento foi misto. Enquanto as carnes secas, salgadas ou defumadas – que costumam representar a maior fatia do custo total – recuaram 12%, saindo de R\$ 69 para R\$ 60, outros itens essenciais pressionaram a conta. A carne suína fresca te-

*Apesar da baixa do prato, o quilo de feijão ficou 8% mais caro*



FREPIK

ve alta de pouco mais de 9%, atingindo a média de R\$ 44 por quilo. Mas enquanto isso a linguça registrou uma queda moderada de 7,6%.

O protagonismo das altas ficou com o ingrediente principal, o feijão, que encareceu 8,4% no último ano, elevando o preço médio do quilo de R\$ 6,96 para R\$ 7,54. A farofa pronta, item de conveniência para muitos consumidores, acompanhou a tendência de elevação com uma variação positiva de 8,6%. Para Anna Carolina Fercher, líder de dados estratégicos da Neogrid, o cenário atual permite que o consumidor mantenha a tradição com um gasto menor, embora o prato siga exposto à volatilidade das commodities. Para a executiva, a queda nas carnes secas ajuda a conter o valor final, mas a feijoada permanece sensível, especialmente para as famílias que não abrem mão da variedade de proteínas, cujos preços costumam oscilar de acordo com a oferta de gado e o custo de ração.

A retração no custo do prato ocorre em um momento de atenção aos índices macroeconômicos. Embora os dados oficiais da inflação de abril ainda não tenham sido fechados, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrou uma aceleração para 0,88% em março. No acumulado de doze meses, a inflação

oficial do país atingiu 4,14%, o que torna o recuo no preço da feijoada uma exceção bem-vinda em um cenário de pressão sobre o custo de vida.

### Expectativa para a inflação

O recuo da feijoada é uma exceção bem-vinda, mas o ambiente segue em alerta. Quando divulgado o IPCA de março, uma nova rodada de preocupação para o consumidor brasileiro se apresentou. O IPCA, considerado a inflação oficial do país, acelerou para 0,88% no mês passado, superando os 0,70% registrados em fevereiro. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) evidenciaram que o custo de vida voltou a ganhar tração, impulsionado por um cenário internacional conturbado.

No acumulado de doze meses, a inflação subiu 4,14% e rompeu a barreira dos 4% que havia sido mantida em igual período de doze meses anterior. O resultado surpreendeu o mercado financeiro. Analistas consultados pela Reuters projetavam uma alta de 0,77% para o mês passado. Este é o patamar mais elevado para um mês de março desde 2022, evidenciando que a pressão sobre os preços domésticos retomou um ritmo que não se via há anos.

O movimento de alta foi puxado por dois setores que atingem diretamente

o cotidiano das famílias: os alimentos e bebidas, e transportes. Juntos, esses grupos foram responsáveis por 76% do IPCA de março. O principal vilão foi a gasolina, que subiu 4,59% e gerou o maior impacto individual no índice. O avanço reflete as incertezas no Oriente Médio, que provocaram uma disparada no preço do barril de petróleo no mercado global, encarecendo também o diesel (14%) e as passagens aéreas (6). O grupo de alimentação registrou uma aceleração de quase 2%, a maior em quase quatro anos. Itens básicos, como o tomate e o leite longa vida, registraram altas expressivas de 20% e 12%, nessa ordem.

Fernando Gonçalves, gerente da pesquisa do IBGE, disse que o fenômeno combina a redução da oferta de determinados produtos com o encarecimento do frete, uma consequência direta dos combustíveis mais caros. O novo patamar da inflação de março provocou revisão em projeções de instituições financeiras. O Boletim Focus, do Banco Central, elevou a previsão para o fechamento de 2026 de 4,31% para 4,36% recentemente. Antes do agravamento dos conflitos internacionais, a expectativa era de que o ano terminasse com o índice abaixo de 4%, dentro do intervalo de tolerância da meta estabelecida pelo governo, que tem teto de 4,5%. **D**



Omoda 4, apresentado em Pequim, deve chegar ao Brasil em 2026

# Rumo ao Brasil

Entre as milhares novidades do Salão do Automóvel de Pequim 2026, quase 200 modelos são inéditos e uma parcela virá para o mercado brasileiro. Confira

*Flávio Silveira, de Pequim e Wuhu*

O Salão do Automóvel de Pequim 2026 foi volumoso. A mostra teve 1,5 mil modelos exibidos (quase 200 inéditos), mas apenas uma fração desse volume interessa ao mercado brasileiro. A conclusão não foi tirada rapidamente, mas após uma programação intensa que envolveu tanto a participação a um dos maiores eventos setoriais do mundo e uma série de outras atividades junto à Omoda Jaecoo, que convidou a Motor Show e IstoÉ Dinheiro para conhecer sua sede em Wuhu, bem como seus novos produtos e tecnologias.

A maior parte dos exatos 1.451 veículos em exibição, sendo 181 estreias mundiais, eram voltados para o gigantesco mercado chinês. Para se ter ideia, o carro mais vendido na China no ano passado, o EX2, emplacou mais ou menos quinta parte de todo o volume comercializado no mercado brasileiro. Em meio aos mais de 380 mil metros quadrados do novo maior salão do mundo, o

qual tomou o posto do Salão de Frankfurt, na Alemanha, não foi nada fácil encontrar modelos destinados ao Brasil — até porque, além do tamanho da área de exposições, havia uma quantidade brutal de pessoas de todo o mundo — e uma organização um tanto caótica.

Há dez anos, o Salão de Pequim, ou o então 'Auto China 2016', foi menor, mas já chamativo (e bastante caótico). Os carros nas ruas eram ainda em grande parte de marcas estrangeiras, enquanto as marcas chinesas ainda eram extremamente dependentes de joint ventures para a produção dos automóveis. Por meio dessas parcerias as asiáticas aprenderam tanto sobre fazer carros que, agora, uma década depois, há mais de cem — literalmente — marcas próprias invadindo o mundo.

Isso acontece em grande parte porque já saturaram o mercado doméstico com tantas marcas, e, diante do risco de uma eventual bolha interna com si-

nais já presentes, o que inclui algumas falências — como ocorreu com Seres e Lifan — e queda nas vendas internas, a exemplo da própria BYD (com queda de 41% agora em fevereiro). A BYD, que se tornou uma das grandes globais, vem sofrendo com a competição interna de produtos mais baratos e melhores.

Diante do retrato, a briga interna fica ainda mais acirrada na disputa desse enorme mercado — daí tantos lançamentos —, mas a batalha nos últimos anos também se estendeu ferozmente aos mercados externos, principalmente na Europa e na América do Sul, já que os Estados Unidos protegem seu mercado das montadoras chinesas. É nesse contexto que houve a invasão de marcas chinesas vista nos últimos anos, principalmente a partir do último salão de São Paulo. Quando parecia que já havia um volume significativo de marcas chinesas no Brasil, o Salão de Pequim trouxe novos anúncios.



Lotus Emeya e Eletre: marca retorna ao país

DIVULGAÇÃO

## Novas marcas desembarcam

Em meio à expansão das marcas chinesas, o Salão de Pequim 2026 teve o anúncio de mais seis novas marcas com previsão de desembarque no Brasil. Entre as estreias:

### Lepas

Mais uma marca do grupo Chery com inspiração de design em leopardos — daí o nome —, terá inicialmente os modelos Lepas 4 e Lepas 6, dois SUVs 100% elétricos. A Lepas é tratada como uma marca “premium-lifestyle”, posicionada acima da Chery e focada em design mais disruptivo (estilo Porsche).

### Exeed

A divisão de luxo da Chery confirmou sua estreia no Brasil, que pode ocorrer ainda em 2026, embora ainda dependa de mais estudos para ser confirmada. A estratégia foca no segmento premium para enfrentar marcas europeias. Entre os modelos mais cotados estão o RX (Yaoguang), um SUV-cupê com foco em tecnologia e autonomia combinada que supera os 1.300 quilômetros, e o VX, utilitário de sete lugares com quase cinco metros de comprimento, posicionado para ser o topo da cadeia da marca no país.

### BAIC

Uma das maiores montadoras da China, a gigante estatal confirmou o início das operações no Brasil no último quadrimestre de 2026. O plano inclui quatro modelos de largada, com destaque para o Arcfox T1, um crossover elétrico que mira diretamente o público do

BYD Dolphin. A marca também trará o SUV BJ30, que utiliza um conjunto híbrido com tração integral e 409 cavalos, além do SUV X55 e uma picape média (ainda sem nome definitivo) para atuar no segmento mais competitivo do mercado brasileiro.

### Dongfeng

Outra entre as grandes fabricantes chinesas, a Dongfeng confirmou sua chegada com foco em eletrificação total. Os primeiros modelos serão o compacto Box e o SUV Vigo, previstos para o segundo semestre de 2026. A operação será agressiva, com a abertura de 26 concessionárias imediatas. Para 2027, a marca reserva a linha Mhero, composta por SUVs off-road de luxo com visual militarista e potências que ultrapassam 1.000 cavalos.

### IM

Sigla para ‘Intelligent Mobility’, é a marca premium do grupo SAIC (dono

da MG). Confirmada para o segundo semestre de 2026, a IM aposta em “carros definidos por software”. O principal candidato para a estreia é o LS6, um SUV elétrico equipado com arquitetura de alta tensão para recargas ultra rápidas e um cockpit dominado por telas que ocupam toda a largura do painel.

### Lotus

Agora sob controle do Grupo Geely, a icônica marca britânica confirmou seu retorno oficial ao Brasil via importação. A linha 2026 será composta pelo Eletre, um “hiper-SUV” elétrico de até 918 cavalos produzido na China, e o sedã Emeya, um GT elétrico de alto luxo que foca em performance aerodinâmica. Para os puristas, o esportivo Emira — o último modelo a combustão da história da marca — também terá unidades importadas.

## Quem amplia o portfólio no Brasil

Além das novas marcas, ou divisões de grupos fabricantes que não eram conhecidos do mercado brasileiro, há ainda os novos modelos de montadoras que já estão por aqui. Entre elas, há as estrelas da performance e luxo, como:

### Denza Z9 GT

A marca de luxo da BYD confirma esta shooting brake (perua esportiva) para o Brasil. Com três motores elétricos que somam cerca de mil cavalos, ela faz de 0 a 100 km/h na faixa dos dois segundos. É o contra-ataque direto ao Porsche Taycan, trazendo tecnologias como esterçamento das rodas traseiras em ângulos absurdos.



Lepas 6, um dos SUVs 100% elétricos da Chery

FLÁVIO SILVEIRA

## Afastamento dos EUA

Após um ciclo de 25 anos dedicado a consolidar o domínio global sobre o mercado de veículos elétricos, a China agora move peças para liderar a próxima grande ruptura da indústria. O foco da potência asiática deixou de ser apenas a tração por baterias e passou a ser a integração profunda da inteligência artificial (IA) nos automóveis. O objetivo é que a nova geração de veículos deixe de ser meramente conectada para se tornar composta por máquinas dotadas de raciocínio próprio, operando integralmente sob o comando de chips e softwares.

Essa transição está ancorada no mais recente plano quinquenal do país, lançado no início deste ano, que introduziu o conceito de "AI Plus". Trata-se de um projeto governamental ambicioso para incorporar sistemas de inteligência artificial na manufatura, na saúde e em praticamente todos os pilares da economia. No setor automotivo, a estratégia cumpre função de encerrar a dependência chinesa de semicondutores de ponta, um segmento que hoje representa um ponto de estrangulamento comercial dominado pelos Estados Unidos.

A velocidade dessa transformação foi tema central do Salão do Automóvel de Pequim. O chefe da Nissan Motor China, Stephen Ma, destacou durante o evento que a fronteira entre as companhias de tecnologia e as fabricantes de veículos desapareceu definitivamente. Para o executivo, informa a Reuters, o desenvolvimento de automóveis baseados em IA não é apenas o futuro, mas uma realidade que avança em um ritmo muito mais acelerado na China do que em qualquer outra região do mundo.

### GWM Tank 700

O ápice da linha off-road da GWM. É um SUV gigantesco com motor 3.0 V6 híbrido plug-in de 870 cavalos. Promete ser o "G-Wagen chinês" no Brasil, unindo luxo extremo com capacidade de atravessar terrenos pesados.

### Wey G9

A divisão de altíssimo luxo da GWM confirmou este SUV de 6 lugares para 2026. O foco aqui é o "tapete mágico": poltronas de classe executiva, geladeira a bordo e telas gigantes, mirando o público de Volvo XC90 e BMW X7.

Já no esquadrão híbrido flex, de produção brasileira, está o novo BYD Song Pro (facelift + flex), cuja grande novidade é a motorização híbrida flex desenvolvida no Brasil. Ele ganha o novo visual "Dragon Face 3.0" (mais agressivo) e será um dos pilares da fábrica de Camaçari (BA), com foco em volume e preço competitivo. E o brasileiro poderá ver o novo GWM Tank 300 híbrido flex. A GWM anunciou o primeiro sistema híbrido plug-in flex do mundo para este jipe, com pré-venda já iniciada. O visual é retrô, mas a engenharia é moderna, preparada para o etanol brasileiro.

Entre alguns dos elétricos e tecnologias de alcance estendido, os 'EREV', há o Leapmotor C16, que é fruto da parceria com a Stellantis. Este SUV de seis lugares chega com tecnologia EREV, ou seja, o motor a combustão funciona apenas como gerador. Ele usará a rede de concessionárias da marca para ganhar capilaridade rápida no Brasil. Já o Zeekr

001 (atualizado) é modelo que já está em pré-venda no Brasil, e apareceu em Pequim com baterias de carregamento ainda mais rápido (800V) e software de condução autônoma aprimorado.

### Omoda Jaecoo e outras apostas

Há outras novas apostas que se podem citar, como o Jaecoo 5, que foi apresentado como o "irmão menor" do Jaecoo 7, e mantém o visual quadrado e robusto inspirado nos off-roads clássicos, mas em um tamanho mais amigável para a cidade. Foi confirmado para o Brasil com motorização híbrida, focando em quem quer o estilo aventureiro da marca sem o porte (e o preço) dos modelos maiores. O Jaecoo 8 é um SUV de luxo de sete lugares com suspensão adaptativa e motorização híbrida de 605 cavalos. A marca informou que este será o "carro do CEO" no Brasil, mirando o público de Volvo e Land Rover. Deve chegar em setembro. O Omoda 4, lançado no Salão de Pequim, é um SUV compacto com proposta 'jovem' e deve desembarcar no mercado brasileiro em 2026.

Há outras variedades, como o GAC Aion UT, um hatch elétrico maior que o Dolphin, focado em espaço interno. A GAC confirmou sua chegada para o segundo trimestre de 2026. Há ainda o Nissan NX8, o SUV médio em versões 100% elétrica e REEV. É o primeiro fruto da nova estratégia global da Nissan desenvolvida na China. Com foco em inteligência artificial e conectividade avançada, o modelo utiliza a tecnologia de baterias de última geração. **D**

'Carro do CEO': Jaecoo 8 chega em setembro e mira o público de Volvo e Land Rover



FLÁVIO SILVEIRA

# Divas no Rio

Depois de Madonna e Lady Gaga, o projeto 'Todo Mundo no Rio' traz a colombiana Shakira. A apresentação promete superar as anteriores ao mover R\$ 700 milhões



*Shakira se apresenta no sábado (2) e deve atrair dois milhões de pessoas*

**A**s areias de Copacabana, no Rio de Janeiro, serão mais uma vez um dos maiores palcos a céu aberto do mundo neste sábado, 2 de maio. É quando a cantora colombiana Shakira soltará a voz no Rio de Janeiro em um show bastante esperado. A apresentação dela não representa apenas um momento de celebração da cultura pop latina, mas o ponto alto de uma estratégia econômica e turística que tem colocado a capital fluminense em um novo patamar de arrecadação e visibilidade global. O espetáculo gratuito é o coração da edição de 2026 do projeto 'Todo Mundo no Rio', uma iniciativa estruturada pela prefeitura carioca em parceria com a produtora Bônus Track e o banco Santander.

O projeto, concebido como um calendário de fomento ao turismo fora dos períodos tradicionais, como o Carnaval e o Réveillon, prevê a realização de quatro grandes concertos internacionais entre 2025 e 2028 – e Shakira protagoniza o terceiro deles depois de Madonna, em 2024, e de Lady Gaga, em 2025. Os números projetados para a apresentação de Shakira, a qual terá transmissão pela TV Globo, impressionam e estabelecem um novo paradigma para eventos de massa no país. O estudo "Potenciais Impactos Econômicos do 'Todo Mundo no Rio' 2026 – Shakira", divulgado pelo poder municipal, a expectativa é de que o show movimente R\$ 776,2 milhões. É o dado mais recente. Em fevereiro, havia expectativa que a apresentação movimentasse cifra igual à que alcançou o show de Lady Gaga (R\$ 600 milhões). Até agora, o de Madonna ficou no fim da fila, ao mover R\$ 469,4 milhões.

A engrenagem financeira por trás dessa estimativa é detalhada por meio de recortes sobre o perfil do público esperado. A organização trabalha com a marca de dois milhões de pessoas em Copacabana. Deste total, a grande maioria – cerca de 1,7 milhão – é composta por moradores da região metropolitana

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

## Logística da cantora (e dos fãs)

A estrutura do show é um capítulo à parte. Embora a curadoria dos artistas e a produção geral fiquem a cargo da Bônus Track e da prefeitura, a construção do palco respeita as exigências técnicas da artista. Uma das tradições mantidas é a ponte que conecta o hotel Copacabana Palace diretamente à estrutura na areia, permitindo o deslocamento seguro da cantora. Bibiana Berg, superintendente executiva de experiências & cultura do Santander, destaca que a organização básica passará por poucas alterações em relação ao sucesso de 2025, que registrou baixos índices de incidentes para um público de dois milhões de pessoas.

O único ponto de atenção recorrente nas redes sociais diz respeito ao fluxo de saída e à lotação do transporte público. Após o show de Lady Gaga, críticas sobre a saturação do metrô foram comuns. Para a apresentação de Shakira, os organizadores afirmam que novos planos de evacuação e dispersão estão sendo estruturados pela Bônus Track. A orientação aos fãs é para que evitem a saída imediata após a última música, permitindo uma vazão mais gradual e segura.



*Para marcas, show em Copacabana funciona como uma vitrine de fidelidade*

do Rio. Contudo, são os turistas que elevam a média de gastos. O cálculo da prefeitura considera um ticket médio diário de R\$ 547,30 para os 278 mil turistas que estejam no Brasil (com permanência média de três dias) e de R\$ 626,40 para 32 mil estrangeiros, perfil que costumam estender a estadia por quatro dias. Já para o público local, a média de gasto prevista é de R\$ 141,75.

A eficiência do projeto 'Todo Mundo no Rio' também se reflete diretamente nos cofres públicos por meio da arrecadação de impostos sobre serviços (ISS). O setor de turismo, que engloba eventos, transporte municipal e serviços aeroportuários, tem registrado saltos expressivos. No ano passado, o show de Lady Gaga motivou o pagamento de R\$ 66,8 milhões em impostos ligados a essas atividades, um crescimento real de 23,2% em comparação a maio de 2023, período em que o Rio ainda não adotava esse modelo de grandes shows internacionais. Na comparação entre os meses de maio de 2025 e 2024, o incremento foi de 8,2%, demonstrando que a curva de retorno financeiro para o município segue em ascensão.

Em relação às marcas no palco, há ganho é evidente. Para o setor privado, o evento em Copacabana funciona

como uma vitrine de alta fidelidade. O Santander, patrocinador oficial das quatro edições previstas no projeto, utiliza o concerto para estreitar laços com o consumidor por meio da plataforma Smusic. A estratégia vai além da simples exposição do logotipo no palco, já que envolve a criação de cartões de crédito personalizados com referências ao evento, condições especiais de parcelamento e ações digitais que buscam mapear o comportamento dos apaixonados por música.

Um dos principais trunfos da instituição financeira é a gestão da área vip, espaço de entrada restrita em frente ao palco. Em edições anteriores, o banco utilizou o acesso a esse setor como prêmio para engajamento em redes sociais. Para este ano, embora as promoções oficiais ainda guardem surpresas, a hashtag #SantanderConLaReina já mobiliza fãs da colombiana. Segundo o CMO do Santander, Guilherme Bernardes, o objetivo é associar a jornada do cliente ao evento, sugerindo desde o investimento para a viagem até o uso do crédito para os gastos durante o show. O investimento exato nas ações não é revelado, mas a parceria com a Bônus Track garante ao banco a exclusividade até 2028.

*Com reportagem de Matheus Almeida*

# Ação da Adidas, figurinhas da Copa e dívida

O ganho de valor da fabricante esportiva, a esperada venda do álbum oficial da Copa do Mundo e o nível de endividamento recorde das famílias foram destaques nas redes

Stephanie Mecco

## Ação da Adidas sobe após "supertênis" ajudar queniano a correr maratona em menos de 2 horas

As ações da fabricante alemã de artigos esportivos Adidas subiram 1,4% na manhã desta segunda-feira, 27, depois que o atleta queniano Sebastian Sawe se tornou a primeira pessoa a correr uma maratona em menos de duas horas em uma prova oficial, realizando a façanha usando os tênis Adizero Adios Pro Evo 3 da marca. A vitória representa um impulso para a Adidas em relação à sua arquirrival Nike.



## Figurinhas da Copa do Mundo serão vendidas nas lotéricas a partir de quinta

A Caixa Econômica anunciou que a partir desta quinta-feira, 30, as figurinhas para o álbum oficial da Copa do Mundo Fifa 2026 serão vendidas nas casas lotéricas. Cada pacote com 7 figurinhas custa R\$ 7 e o álbum avulso R\$ 24,90. Para completar todo o álbum são necessárias 980 figurinhas, sendo 68 dessas especiais em papel metalizado.



## "Acho que talvez não seja o momento", pontua Luiza Trajano sobre debate do fim da escala 6x1

Para a empresária Luiza Trajano, o debate sobre o fim da escala 6x1 ainda exige cautela. "Exige uma discussão muito grande", afirmou em entrevista exclusiva ao programa IstoÉ Mulher + Fructus Entrevista. Durante a conversa, Trajano ponderou os impactos da proposta tanto para empresas quanto para trabalhadores. Luiz disse que o aumento de custos pode se tornar inviável para os negócios, ao mesmo tempo em que há a necessidade de garantir o descanso dos profissionais. "Teria que ver o que é bom para os dois lados", ponderou.



## Endividamento das famílias sobe para 49,9% e alcança máxima histórica, aponta BC

Relatório do Banco Central (BC) sobre endividamento evidencia um novo pico histórico da série de dados: o estoque de dívida das famílias é de 49,9%.



## Onze livros escritos por mulheres sobre mulheres no Dia Mundial do Livro

As mulheres são o pilar do mercado editorial brasileiro: atualmente, elas representam 49% das leitoras do país e respondem por 62% das compras realizadas no último ano. Em comemoração ao Dia Mundial do Livro, IstoÉ Mulher evidencia onze obras entre clássicos (Um Teto Todo Seu, de Virginia Woolf) e outras sugestões.



## Palavra por palavra



**"Não estamos pressionados pelo preço porque toda nossa gasolina não precisa de importação líquida"**

**Magda Chambriard**, presidente da Petrobras, em contexto de alta de preços do petróleo devido à guerra no Oriente Médio

**"As negociações com fornecedores de insumos têm sido muito árduas"**

**Gustavo Werneck**, presidente da Gerdau, em resposta a jornalistas sobre eventual aumento do preço do aço no Brasil



**"Não temos amigos mais próximos que os britânicos"**

**Donald Trump**, presidente dos Estados Unidos, ao dar as boas-vindas ao rei Charles III na Casa Branca, em meio a tensões bilaterais relacionadas à guerra no Oriente Médio



**"São medidas pontuais e as pessoas não devem contar com a recorrência desse tipo de medida. Nós estamos vivendo uma situação excepcional"**

**Dario Durigan**, ministro da Fazenda, sobre o novo programa do governo para auxiliar pessoas endividadas



**"Ainda exige uma discussão muito grande"**

**Luiza Trajano**, presidente do conselho de administração do Magazine Luiza, sobre a alteração na escala 6x1 no Brasil



Paixão sobre rodas.



# MOTOR SHOW

[www.motorshow.com.br](http://www.motorshow.com.br)

